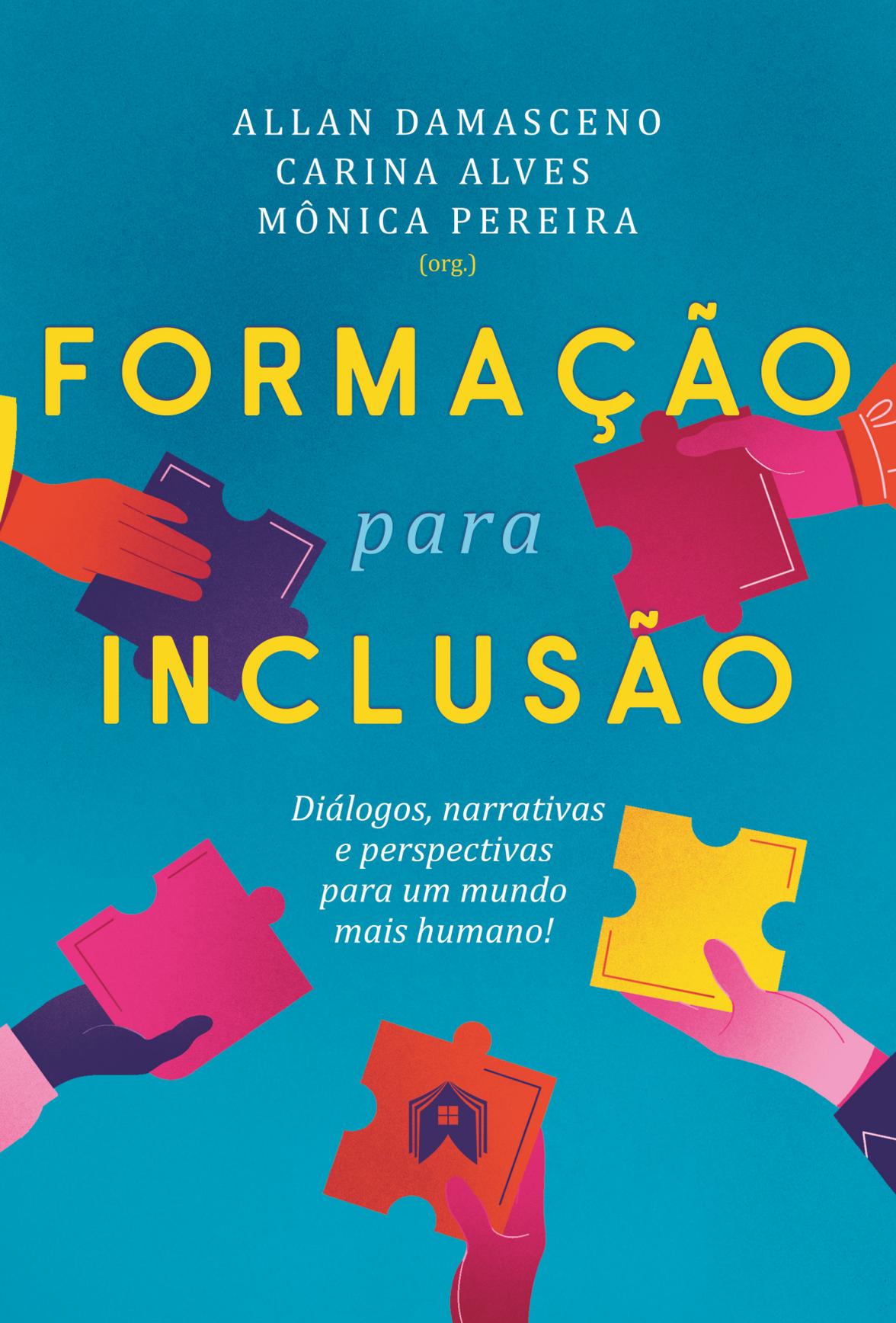


ALLAN DAMASCENO
CARINA ALVES
MÔNICA PEREIRA
(org.)

FORMAÇÃO *para* INCLUSÃO

The background of the cover is a vibrant teal color. Scattered across the page are several hands of different colors (orange, pink, purple, red) holding various colored puzzle pieces (dark purple, red, yellow, orange). One puzzle piece in the lower center features a white icon of an open book with a house-like shape above it, symbolizing education and social inclusion.

*Diálogos, narrativas
e perspectivas
para um mundo
mais humano!*

Conselho Editorial

Presidente: Prof. Dr. Ronaldo Manzi Filho

Prof.ª M.ª Amanda Oliveira da Câmara Moreira

Prof.ª Dr.ª Beatriz Fernandes Genaro

Prof. Dr. Edson Santos Silva

Prof.ª Dr.ª Elianda Figueiredo Arantes Tiballi

Prof. Dr. Hector Rolando Guerra Hernandes

Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza

Prof.ª Dr.ª Maria Adélia da Costa

Prof. Dr. Ricardo Wagner

Prof.ª Dr.ª Ross Barrantes

FacMais e SIPP – Brasil e França

Ufersa – Brasil

DIB – Itália

Unicentro – Brasil

PUC-Goiás – Brasil

UFPR – Brasil

UnB e SIPP – França

Cefet – Brasil e França

UFPR – Brasil

Usmp – Peru

Comitê Científico – Ciências Humanas

Presidente: Prof. Dr. Márcio José Pereira

Prof. Dr. André Costa Aciole da Silva

Prof.ª Dr.ª Aparecida Carina Alves de Souza

Prof. Dr. César Costa Vitorino

Prof.ª Dr.ª Clarice Pimentel Paulon

Prof. Dr. Diego Avelino de Moraes Carvalho

Prof.ª Dr.ª Manuela Mendonça

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação

Prof. Dndo. Rafael Silva Gargano

Prof. Dr. Rodrigo Vieira Marques

Prof.ª Dr.ª Sandra Célia Coelho G. da Silva

Prof. Dr. Saul Antônio Gomes

Prof. Dr. Silvio Ricardo Gomes Carneiro

Prof. Dr. Toni Reis

Prof. Dr. Wagner Xavier de Camargo

Prof. Dr. Wilson Alves de Paiva

UEM – História

IFG – História

UFF – Educação e Linguística

Uneb – Educação e Linguística

USP – Psicologia

IFG – História

ULisboa – História

Uneb – Educação e Linguística

UnB – Filosofia

UFG – Filosofia

Uneb – Educação e Linguística

UC – História

UFABC – Filosofia

UFPR – Educação

UFSCar – Antropologia

UFG – Educação

Valdemir Paiva
EDITOR-CHEFE

Éverson Ciriaco
DIREÇÃO EDITORIAL

Katlyn Lopes
DIREÇÃO EXECUTIVA

Victor Malucelli
EDITOR DE RELACIONAMENTO

Monica Nilsen
EDITORA COMERCIAL

Paula Zettel
DESIGN DE CAPA

Camila Silva
DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Karina Obrzut
REVISÃO

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
BIBLIOTECÁRIA: MARIA ISABEL SCHIAVON KINAZ, CRB9 / 626

D155f Damasceno, Allan
Formação para inclusão: diálogos, narrativas e perspectivas para um mundo mais humano [recurso eletrônico] / Allan Damasceno, Carina Alves, Mônica Pereira – 1.ed. – Curitiba: Editorial Casa, 2023.
95p.: il.; 23cm

ISBN 978-65-5399-372-3

Educação inclusiva. 2. Inclusão social. I. Alves, Carina. II. Pereira, Mônica. III. Título.

CDD 370.113 (22.ed)

CDU 376

Nº. Registro Doi: 10.55371/ 978-65-5399-373-0

1ª edição – Ano 2023

Copyright © Editorial Casa, 2023

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

É proibida a reprodução total ou parcial, mediante quaisquer meios, sem a expressa anuência desta editora.

Não encontrando nossos títulos na rede de livrarias conveniadas e informadas em nosso site, contatar o Editorial Casa.



Praça Generoso Marques, 27, 14º andar - Centro | CEP 80020-230 | Curitiba-PR

Telefone: (55) (41) 3264-9696 | E-mail: contato@editorialcasa.com.br

www.editorialcasa.com.br

Esta obra foi constituída a partir da realização do curso de extensão Formação para Inclusão, realizado pelo Instituto Incluir em parceria com o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidade e Inclusão (LEPEDI) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e o Centro de Referência em Inclusão Digital (CRID) do Instituto Politécnico de Leiria.

Foram estudantes desta turma os seguintes cursistas:

Adna Lemos

Aleksandra Vilela de Brito

Alessandro Galeano

Alexandra Blondet

Ana Paula Mendonça

Ana Urbano

André Luiz Rocha

Andresa Sales

Aquinoã Garcia

Brenda Ribeiro

Bruna Gonçalves

Carolina Justus

Christiane Quintanilha

Clécio Alves

Danielle Nogueira

Demilson Lino

Edilene da Silva

Edriele Gomes

Elisiane Alles

Ewelyn Ferreira

Gabrielle de Jesus

Ivete Luna

Jaqueline Gomes

Jaqueline Matos

Jeniffer Santana

John Lucas Vieira

Juliana Alencar Correa
Karen Souza
Karolina Borges
Larissa Bonierski
Larissa Peres
Laryssa Rangel
Leticia Vieira
Lurdes Fabricio de Oliveira
Luana Clemente
Luanne Duarte
Luciana Medeiros
Luciene Gervásio
Maitê Fátima Neubarth
Marcelly Drumond
Maria de Fátima Silva
Maria Eugênia Scheremeta
Maria Ivanilda de Oliveira
Maylla Freitas
Michael Araujo
Natalia Bonadia
Priscila Mariane da Silva
Rejani Bento
Sara Ribas
Sidney Silva
Suze Lino
Talita Arruda
Vagner da Silva

APRESENTAÇÃO

A educação inclusiva, expressão utilizada pela legislação, é um movimento no campo educacional que se insere em uma perspectiva mais ampliada, denominada inclusão social, o qual é proposto como uma compreensão mais democrática de estruturação social e implica a constituição de um processo, no qual os grupos sociais vítimas históricas da exclusão, junto com a sociedade civil organizada buscam, em parceria, efetivar a afirmação e equiparação de oportunidades para todos de acesso à educação e à escola pública.

Segundo Mendes (2002, p. 61) “[...] o movimento pela inclusão social está atrelado à construção de uma sociedade democrática, na qual todos conquistam sua cidadania e na qual a diversidade é respeitada e há aceitação e reconhecimento político das diferenças”.

É fato que, no âmbito da educação, o debate sobre a inclusão escolar vem provocando movimentos no cenário educacional brasileiro e mundial, e um de seus maiores impactos vem ocorrendo no campo da educação do público-alvo da educação especial (estudantes com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento/transtorno do espectro do autismo e altas habilidades/superdotação). Tal discussão destaca-se no debate ocorrido nas Universidades e escolas públicas, uma vez que para esses indivíduos as mudanças que devem ser promovidas no sistema educacional demandam maiores esforços (adaptações arquitetônicas, flexibilizações curriculares, desenvolvimento de tecnologias assistivas, entre outros).

No que se refere ao atendimento dos estudantes público-alvo da educação especial, dilatam-se os fatores alegados para afirmar a segregação, como falta de preparo profissional, carência de cursos de capacitação e aperfeiçoamento para os professores, inexistência/escassez de adaptações estruturais das escolas, inexistência/escassez de estrutura organizacional que contemple a diversidade, dentre outros. A maximização dos obstáculos postos ao acolhimento da diversidade, também representada e presente nas demandas específicas de aprendizagem dos estudantes é que nos mobiliza no entendimento das questões presentes nesse contexto educacional brasileiro, tendo o devido cuidado para não reduzir o conceito de diversidade à categoria dos sujeitos supracitada.

Assim, esperar que o sistema, por si mesmo, se reestruture, de maneira que as propostas e estratégias de mudanças desenvolvidas pelo poder executivo objetivando a inclusão de todos, e aqui em análise os estudantes público-alvo da educação especial, que podemos afirmar que ainda permanecem em outra escola — a especial — historicamente excluídos das instâncias sociais comuns, não resultará em mudanças efetivas no sistema educacional. O momento é de mobilização, do trabalho cooperativo, da busca de parcerias em prol da mudança escolar e educacional, e quiçá, social, promovida pela inclusão escolar no acolhimento da diversidade de todos os estudantes, inclusive os com necessidades educacionais na escola inclusiva (DAMASCENO, 2006, p. 25).

Contudo, observamos que as escolas especiais se constituíram em espaços estratégicos para a manutenção do distanciamento do convívio social dos estudantes com necessidades especiais, ratificando assim a lógica da exclusão presente na sociedade de classes. O momento atual que vivemos, da educação inclusiva, é de busca da superação da escola especial. Os professores e toda a comunidade escolar podem e devem agir se desejam promover a reestruturação da escola para se tornar inclusiva, atendendo não só aos estudantes público-alvo da educação especial, mas todos aqueles que se encontram excluídos: os mais pobres, negros, indígenas, dentre outros.

A Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação na área das necessidades educativas especiais se tornou um documento inspirador do movimento de inclusão escolar mundial. Na ocasião de sua realização, junho de 1994, o Brasil assumiu o compromisso de promoção das mudanças necessárias em sua política para o desenvolvimento da educação para todos. Deste documento ressaltamos o trecho que abaixo transcrevemos:

[...] O sucesso das escolas inclusivas que favorecem um ambiente propício à igualdade de oportunidades e à plena participação depende dum esforço concertado, não só dos professores e do pessoal escolar, mas também dos alunos, pais e voluntários. A reforma das instituições sociais não é, somente, uma tarefa de ordem profissional; depende, acima de tudo, da convicção, empenhamento e boa vontade dos indivíduos que constituem a sociedade (p. 23).

Dessa forma, os aspectos político-filosóficos presentes nos princípios dessa Declaração têm, como contexto, a perspectiva de um mundo inclusivo, onde todos têm direito à participação na sociedade, em busca da democratização, do

direito ao acesso e permanência na escola. Para tanto, pensamos que um longo caminho deva ser percorrido, e nesta direção se constituiu o curso de extensão ‘Formação para a Inclusão’, promovendo o debate fértil sobre as mudanças na educação, em interface com a cultura, esporte e lazer, para o atendimento das demandas específicas de nossos estudantes.

Considerando que são recentes as experiências vividas no âmbito da educação inclusiva, mais especificamente ao atendimento dos estudantes público-alvo da educação especial, destacamos que o movimento inclusivo brasileiro surgiu na segunda metade da década de 80, com a intensificação do debate na década de 90, que segundo Mendes (2002, p. 64):

[...] com a radicalização do debate na década de 90, cuja idéia central era que, além de intervir diretamente sobre essas pessoas (deficientes), era também necessário reestruturar a sociedade para que ela possibilitasse a convivência dos diferentes. No âmbito da educação, passa-se a defender um único sistema educacional de qualidade para todos os alunos, com ou sem deficiência.

Conclusivamente, nos aproximamos da concepção de Peças (2003, p. 143, grifo dos autores), ao afirmar que:

A educação inclusiva não é um conceito restrito à racionalidade pedagógica. A educação inclusiva inspira-se no abstracto transdisciplinar aos mais recentes contributos das várias ciências e visa a sociedade inclusiva. A sua construção, que é um processo permanente, implica os mais amplos espaços sociais e culturais e apela a mais vasta participação das comunidades sociais e científicas. **A escola inclusiva reivindica uma matriz cultural e uma cultura organizacional. Não se reduz a uma técnica, a um método.**

Assim, reafirmamos a importância no que tange as possibilidades de experiências formativas de propostas que priorizem a aprendizagem para todos, reconhecendo a diversidade presente na condição humana.

Por fim, defendemos a tese de que quando toda a comunidade se coloca no movimento de escolha e constituição de uma sociedade mais inclusiva, a

escola deverá tomar para si o seu papel de se constituir em local de construção da autonomia e emancipação, se libertando das amarras ideológicas impostas por um sistema que tende a nos dirigir para a heteronomia, criando a dependência e a imobilidade.

Assim, Theodor Adorno nos aponta a necessidade de se ofertar propostas diversas de formação para que sejam atendidas as diferentes demandas presentes na diversidade dos sujeitos que constituem a coletividade. Quanto a isso (ADORNO, 1995, p. 170), afirma que:

Para nos expressarmos em termos corriqueiros, isto não significa emancipação mediante a escola para todos, mas emancipação pela demolição da estruturação vigente em três níveis e, por intermediário de uma oferta formativa bastante diferenciada e múltipla em todos os níveis, da pré-escola até o aperfeiçoamento permanente, possibilitando, deste modo, o desenvolvimento da emancipação em cada indivíduo, o qual precisa assegurar sua emancipação em um mundo que parece particularmente determinado a dirigi-lo heteronomamente, situação que confere uma importância maior ao processo.

Fica claro que esta discussão não se encerra aqui. Pensamos que trouxemos ao debate alguns aspectos que permitem o aprofundamento de nossas reflexões sobre a necessidade de tantas outras experiências formativas, como o *Formação para Inclusão*, não só para o acolhimento dos estudantes público-alvo da educação especial, e conseqüentemente, a “[...] educação romper com o ideal de totalidade, de massificação, de controle ideológico, onde o indivíduo só sobreviverá enquanto núcleo impulsionador da resistência”, como afirmado por Adorno (1995, p. 154).

A publicação deste livro que chega as suas mãos é resultado do compartilhamento de experiências e práticas vivenciadas pelos cursistas no “Formação para Inclusão”. Nosso desejo é que este material possa nos inspirar no fomento as culturas, políticas e práticas de inclusão em diferentes áreas: educação, cultura, lazer, arte, entre outras.

Este livro está organizado a partir das categorias em que foram reunidos os diferentes produtos construídos pelos cursistas. Nosso esforço foi de inclusão de todas as produções. Ninguém ficou de fora! Essa é nossa concepção de inclusão: não há inclusão sem participação. Nesse sentido, os trabalhos que constituem esta obra expressam diferentes formatos, abordagens, conteúdos, linguagens

e estilos, materializando a ideia que podemos aprender muito com as nossas diferentes visões. Alguns trabalhos foram editados e passaram por revisão de texto, compreendendo pequenas correções e/ou supressões, sem, contudo, alterar o estilo, o sentido e a originalidade da obra.

Nosso desejo é que esta obra lhe inspire na construção coletiva de um mundo mais humano, plural e solidário.

Allan Damasceno, Carina Alves e Mônica Pereira

SUMÁRIO



NARRATIVAS13

Formação para inclusão14

Aleksandra Vilela de Brito

Diário de bordo17

Alessandro da Silva

Diário de bordo22

Ana Paula Santos Mendonça

Relato de um pai e professor28

André Luiz Montanheiro Rocha

Que tom de azul tem o seu mundo?34

Edilene Falcão

Formação para inclusão36

Elisiane Perufo Alles

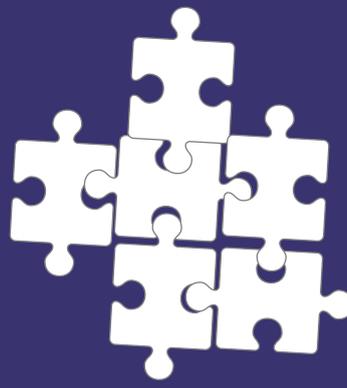
Formação para inclusão39

Ivete de Sousa Luna

Texto sobre os encontros40

Larissa de Souza Peres

Diário de bordo41
Lurdes Fabricio de Oliveira	
Relato da vida real43
Luciana de Almeida Medeiros	
Diário de uma pedagoga em formação45
Maylla de Freitas Ramalho	
Diário de bordo: ano de 2020, 366 dias de resignificação a pessoa com deficiência49
Michael Fernandes Maia de Araújo	
E na verdade o que é inclusão?52
POESIAS53
PARÓDIAS71
MAPAS MENTAIS78
Casamento inclusivo: Quem e como incluir?94
Suze Lino	



NARRATIVAS

Formação para inclusão

Aleksandra Vilela de Brito

“O termo narrativa designa a ação, o processo ou o efeito de narrar uma história. Em literatura, a narrativa é a conexão entre todos os elementos que compõem o enredo: personagens, tempo, espaço e conflito. Na narrativa, o narrador exerce a função primordial de “contação” da história. É ele quem direciona o imaginário do leitor durante o processo de composição da trama. As estruturações das histórias narrativas normalmente seguem a lógica da apresentação, do conflito, do clímax e do desfecho”.

(SILVA, s.d.).

Como psicóloga que atua diretamente com pessoas com deficiência, deparar-me com um curso de extensão que apresenta um grupo de profissionais com um nível de conhecimento e entendimento desta dinâmica me faz sentir orgulho e maior admiração sobre o ser humano.

Trabalhando com o esporte paralímpico após um curso de especialização em psicologia do esporte em 2008, que pouco abordou sobre o esporte paralímpico, reforçou meu desejo de aprofundar-me no assunto pessoa com deficiência.

O Instituto Superar me proporcionou a oportunidade de conduzir juntamente com profissionais da Educação Física um projeto que vem brilhando muito na cidade de Suzano, região da grande São Paulo. Estamos acompanhando histórias de sucesso no que e refere à inclusão tanto no esporte, principal ferramenta deste Projeto, como nas demais oportunidades.

A mesma alegria de acompanhar o sucesso dos inscritos no Projeto Detecção de Novos Talentos Paralímpicos Polo Suzano, desde 2018, senti semanalmente com as aulas abordas.

A primeira aula já trabalhou o que mais me atrai no desenvolvimento do meu trabalho e trocar experiência com quem tem o mesmo interesse e novamente ouvir a história do esporte adaptada e das lutas da pessoa com deficiência, mostra

que temos muito à trabalhar em relação aos direitos e a inclusão. Pois é possível observar que ainda existem situações e comportamentos muito semelhantes ao que ouvimos sobre os primórdios dos estudos da pessoa com deficiência e do esporte adaptado.

Conhecer os aspectos sociais e as diretrizes que legalizam os direitos das pessoas com deficiência é de suma importância, inclusive no trabalho do psicólogo, que tende a trabalhar os sentimentos de autoestima, valia e potencialidades da pessoa com deficiência.

Entretanto, em meio à esta esfera, observo o quão as políticas públicas e a própria legislação que teoricamente favorece a pessoa com deficiência, precisam melhorar seus conhecimentos sobre a capacidade, a compreensão, o desenvolvimento e acima de tudo, os sentimentos da pessoa com deficiência.

A mesma compreensão necessária para trabalhar com a pessoa com deficiência deve existir para o trabalho com seu grupo familiar, onde o curso apresentou de maneira exímia a dinâmica de desenvolvimento do trabalho familiar, a elaboração dos sentimentos de angustia, frustração e ansiedade.

As indicações e sugestões do corpo docente do curso de extensão de Formação para Inclusão são ferramentas que alimentam o conhecimento sobre o mundo da pessoa com deficiência e facilita a empatia do profissional para o trabalho e suas especificidades.

Falar sobre os aspectos psicológicos de qualquer pessoa, no meu caso suspeito, é muito satisfatório.

E ainda, a oportunidade de expressar minha percepção quanto a falta de investimento na especialização do psicólogo no trabalho com a pessoa com deficiência torna o envolvimento com este curso mais positivo e demonstra as possibilidades que nós profissionais que atuamos com a pessoa com deficiência temos de expor nossas expectativas e esperança quanto à melhora no trato com estas pessoas.

O termo “inclusão” precisa ser melhor trabalhado e entendido pelos profissionais que atuam com a pessoa com deficiência, possibilitando a compreensão da capacidade de todas as pessoas, sendo necessário o respeito às limitações de cada um, sendo esta pessoa com deficiência ou não. Pois acredito, que todo ser humano tem suas limitações, sejam elas emocionais sociais etc.

A especialização sobre os diversos temas que envolvem a pessoa com deficiência, certamente vai favorecer a facilidade dos profissionais em transmitir informações sobre o assunto e ainda, facilitar o entendimento das pessoas e inclusive, dos principais envolvidos na inclusão e na aplicação dos direitos das pessoas com deficiência.

As políticas públicas e aqueles que deveriam aplicá-las também necessitam de entendimento e acima de tudo, de empatia na efetivação e respeito aos direitos dessas pessoas. Especializar diferentes profissionais no trabalho com pessoas com deficiência, do ponto de vista psicológico, favorece a saúde física e mental de todos os envolvidos.

A empatia do profissional que demonstra capacidade de lidar com algo que pode parecer “diferente”, de maneira natural, traz a satisfação da pessoa e da família, que por vezes apresenta os mesmos sentimentos de angústia, ansiedade e baixa estima.

Posso afirmar, que a receptividade do profissional com a pessoa com deficiência, sem olhar de piedade ou compaixão, a valorização de suas potencialidades e o reforço motivacional sobre elas, desenvolve um crescimento pessoal e emocional diferenciado na pessoa com deficiência.

Na minha experiência com os jovens inscritos no Projeto Detecção de Novos Talentos Paralímpicos que o Instituto Superar me proporcionou fazer parte da equipe desde 2018, posso afirmar que a empatia é a solução para todos os problemas daqueles que são julgados “diferentes”.

A satisfação nos olhares dos familiares a cada evolução de seus filhos, a participação em festivais, campeonatos ou qualquer evento que represente premiação, fortalece os familiares e a esperança deles na felicidade real de seus filhos, na formação de caráter e de futuro, independente da deficiência.

Que venham outros cursos como este, e que possamos trocar experiências e vivências de sucesso de nossos clientes, pacientes, alunos.

Diário de bordo

Alessandro da Silva

Início

04/02/2020 a 09/01/2021

Esporte paralímpico, modalidade bocha adaptada desenvolvida para cadeirantes com paralisia Cerebral, Lesado Medular, Artrocripse, Distrofia Muscular, Poliomielite.

As aulas de bocha adaptada ocorridas no Sesi Suzano/SP, realizadas pelo Instituto Superar são para alunos de 6 (seis) a 30 (trinta) anos, todas terças e quintas-feiras das 17hs às 19hs e aos Sábados da 8hs as 10hs, sendo 10 total de alunos 10 inscritos, sendo 3 meninas e 7 meninos.

11/02/2020

1ª Semana

A equipe formada por dois professores de Educação Física, um estagiário de Educação Física e uma psicóloga, recebemos os alunos e os pais as 17:00hs na recepção do SESI de Suzano e posteriormente nos deslocamos até a quadra de treinamento. Aconteceu uma conversa com os pais e alunos explicando o jogo de bocha e classificação funcional, a importância da atividade física para o desenvolvimento cognitivo, motor e a inclusão. Em seguida a equipe de profissionais foi dividida para poder fazer recreação com os alunos, utilizando os equipamentos de bocha [bolas e calhas].

Comigo professor Alessandro ficaram os pais, para poder colher o máximo de informações referente aos seus filhos, perguntei quais alunos não se comunicavam verbalmente e quais seriam as formas de comunicação, por meio desta

pergunta tive a respostas que três alunos não verbalizavam, então foi perguntado a estes pais qual a forma de comunicação entre eles, gestual ou por apontamento, a resposta foi gestual e leitura corporal. Os demais alunos necessitam de auxílio para o deslocamento, empurrar a cadeira e levar ao banheiro muitas vezes realizada pelos pais que acompanham as aulas, sendo uma forma de inclusão.

18/02/2020 a 22/02/2020

Esta foi uma semana bastante intensa, com período de adaptação de todos os profissionais envolvidos, os pais e alunos. A adaptação dos alunos no bocha paralímpica e nas referidas classes, classe BC1 [3 alunos], classe BC2 [4 alunos], classe BC3 [3 alunos], para a classe BC4 não tivemos nenhum aluno. No bocha adaptado as classes correspondem a classificação funcional.

Classe BC3: são atletas que precisam de calha e de um Calheiro o tempo todo.

25/27 e 29/02/2020

3ª Semana

O benefício de jogar bocha vai além das tarefas do cotidiano auxiliando na comunidade onde estão inseridos (BUENO; RESA, 1995).

Trabalhamos o estímulo dos alunos, através do arremessar a bola para frente, para o lado direito e esquerdo, perto e longe.

03/05 e 07/03/2020**4ª Semana**

Trabalhamos o jogo do bocha como uma ferramenta para uma educação inclusiva, através do desenvolvimento motor e cognitivo para que este aluno possa ser incluído nas aulas de Educação Física, podendo realizar todas as tarefas propostas pelo professor, assim sendo a bocha adaptada é um instrumento de inclusão.

As aulas são realizadas em forma de competição, recreação, sendo uma atividade que requer planejamento, estratégia de colocar o maior número de bolas de cor, próxima a bola branca [bola alvo], utilizando de habilidade e inteligência, aplicação de técnicas e táticas adequadas a cada circunstância do jogo.

A falta de incentivo na prática de atividade física adequada para o aluno PCD pode leva-lo a uma exclusão social e escolar.

10/12 e 14/03/2020**5ª Semana**

O Artº 205 da constituição federal é bem claro onde diz atendimento preferencial na rede escolar de ensino, não em local especializado fazendo com que essas pessoas não sejam inclusas e sim excluídas.

A estimulação por meios da prática do bocha adaptada, mesmo que em pouco tempo traz vantagens físicas para os alunos que estão nas seguintes ordens: controle nas capacidades físicas e articulares, psicológicas, auto confiança, comunicação e social, desenvolvimento da autonomia e socialização (SILVA, 1992).

Partindo desses princípios, todas nossas aulas são embasadas nestes conceitos e planejadas para que os alunos possam adquirir essas vantagens.

24/03 a 17/10/2020

Momento triste que tive que me reinventar, de algo que nunca pensei em vivenciar, covid-19, que nos afastou das aulas presenciais, o convívio, o olhar nos olhos, a conversa. E me fez reinventar como pai, filho, marido, vizinho e professor, como eu poderia continuar as aulas de bocha online? Tive que montar toda uma infraestrutura na minha casa e uma logística para poder entregar os kits de bola e calha, de uma forma segura, obedecendo as normas da OMS. Várias preocupações foram surgindo, se todos os alunos tinham acesso a computador, celular, tablet e internet, e como seria o manuseio destes dispositivos, se as aulas seriam filmadas, ao vivo, fotos, por eu não saber se todos saberiam manusear os equipamentos citados. Foi uma semana de muito estudo para encontrar a melhor forma de desenvolver essas aulas e para que não parasse o projeto e os alunos ficassem sem nenhuma atividade, contato com a bola e medo de não poder inclui-los neste momento de pandemia. Neste momento minha esposa e meu filho me auxiliaram muito na filmagem das aulas, remoção de móveis etc.

Comecei a gravar as aulas individualmente para cada aluno pois cada um tem sua particularidade e também comecei a fazer desenho da quadra de bocha, dos arremessos da bola no Power Point para auxiliá-los da melhor maneira.

18/10/2020

Retorno as aulas presenciais, que se deu justamente com o início do curso de extensão de formação de inclusão, veio no momento certo onde adquiri muito conhecimento, onde pude implantar nas aulas de bocha, principalmente as aulas de treino, aprendizagem do exercício físico e linguagem ministrada pela professora Bia Mussi, realizada no dia 28/11/2020, *A linguagem corporal acrescenta informação que está ausente das palavras*, no jogo de bocha é essencial poder fazer essa leitura corporal, principalmente nos alunos não verbalizam e ainda não tem uma forma de comunicação clara, onde tivemos que adaptar para as jogadas da bocha, passamos a entender melhor nossos alunos.

A aula de comunicação acessível e inclusão digital, ministrada pela prof. Célia Sousa, que também auxiliou com alunos que não verbalizam *A comunicação é a chave da aprendizagem* (DOWING, 1999).

O aluno passa a expressar sentimentos, partilha informações, diz piadas, interage com outros, enfim comunicar, faz parte da essência do ser humano. É

um caminho longo a ser percorrido, temos para melhorar, conseguimos perceber evolução principalmente na comunicação.

Referências

BUENO, S. T.; RESA, J. A. Z. **Educación Física para niños y niñas con necesidades educativas especiales**. Málaga: Aljibe, 1995.

DOWING, J. D. **Teaching communication skills to students with severe disabilities**. Baltimore, USA: Paul Brookes Publishing, 1999.

SILVA, A. **Desporto para deficientes**. Portugal, PT: Camara Municipal do Porto, 1992.

SOUZA, S. E. M. **Tratamento das doenças neurológicas**. Rio de Janeiro: Guan abara Koogan, 2000.

Diário de bordo

Ana Paula Santos Mendonça

Em 17/10, aula com o professor Patrick Oliveira, na qual o tema foi: *O desenvolvimento histórico da pessoa com deficiência e esporte adaptado no Brasil e no e no Mundo*, resolvi falar sobre a equoterapia como instrumento de Inclusão, equoterapia essa que acontece dentro da UFRRJ.

A equoterapia como instrumento de inclusão

Definição

A equoterapia é um método terapêutico e educacional que busca o desenvolvimento de pessoas com deficiência por meio da utilização de cavalos.

É uma abordagem multidisciplinar que envolve áreas como saúde, educação e equitação.

Na UFRRJ, a equoterapia é oferecida desde 2013 e já ajudou diversas crianças com deficiência. O prof. responsável pelo Projeto é José Ricardo Ramos, do Instituto de Educação (IE/UFRRJ).

O mesmo falou do início do Projeto *Foi a necessidade de oferecer atividades equestres para a reabilitação e terapia dessas crianças.*

São atendidos alunos do CAIC Paulo Dacorso Filho e da comunidade de Seropédica outras regiões próximas.

O prof. ressalta a evolução dos alunos: “O mais gratificante é ver o desenvolvimento das crianças sendo escolarizadas, reabilitadas, interagindo e se comunicando melhor”.

O projeto atende crianças com diversos tipos de necessidades, como paralisia cerebral, autismo, deficiências físicas, síndrome de Down e deficiência auditiva.

O professor José Ricardo da Silva Ramos, do, é autor do projeto, junto com as professoras Valéria Marques, do Departamento de Psicologia, e Flávia Almeida, do Departamento de Produção Animal, eles conseguiram implantar o projeto que atende hoje cerca de 30 alunos da comunidade, a maioria da Educação Infantil, que apresentam dificuldade no aprendizado. A seleção é feita pela escola através de um diagnóstico.



Figura 1 – Equoterapia 1.

Fonte: Arquivo pessoal.

Atendendo crianças deficientes, de comportamento e até crianças com disfuncionalidade orgânica. Há também crianças de fora. Estamos criando convênio com a Prefeitura de Seropédica para aumentar o número de alunos — explica o professor.

A terapia inicia-se com a apresentação das crianças e dos cavalos e, em seguida, acontece o circuito. Há um responsável por puxar o cavalo e um monitor que acompanha mais de perto a criança. No final das aulas, as crianças refletem sobre o que foi feito através de desenho e escrita livres.

A preparação para lidar com os animais é feita com toda a equipe, de forma que eles fiquem à vontade mesmo em meio ao barulho de um ambiente

cheio de crianças. Para elas, desde estar perto de um cavalo até montá-lo é um desafio, por isso, cada avanço é comemorado.

Com essa experiência, as crianças que vêm participar do projeto se sentem plenamente acolhidas e começam a desabrochar. Começam a ser reconhecidas não por um déficit ou por um desvio, mas pela prática da equoterapia, pelo ser delas, que é sempre lindo.

O projeto também foi atingido pela quarentena, porém, o professor não deixou as crianças e as famílias sem contato com a equoterapia. Ele mensalmente faz entrega de cestas básicas e álcool em gel para as famílias dos alunos.

Este maravilhoso Projeto tinha como Sede uma sala de aula no CAIC e agora está instalado numa casa com amplo espaço tanto em seus cômodos quanto no Quintal.

O tratamento dos cavalos é feito nesta Sede.



Figura 2 – Equoterapia 2.

Fonte: Arquivo pessoal.

Os cavalos são cuidados após cada sessão.



Figura 3 – Equoterapia 3.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 4 – Equoterapia 4.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 5 – Equoterapia 5.

Fonte: Arquivo pessoal.

Referências

MELO, T. Equoterapia da UFRRJ celebra mais um ano e oferece colônia de férias. **Portal UFRRJ**, Rio de Janeiro, 27 jan. 2020. Disponível em: <https://portal.ufrj.br/equoterapia-da-ufrj-comemora-oito-anos-e-oferece-colonia-de-ferias/>. Acesso em: 7 fev. 2023.

RURAL Semanal: Informativo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, ano XXII, n. 4, abr. 2015. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://portal.ufrj.br/wp-content/uploads/2015/05/RS-4_2015.pdf. Acesso em: 7 fev. 2023.

UFRRJ, E. [1 figura]. Rio de Janeiro, 19 abri. 2018. Facebook: **Equoterapia Ufrj**. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=168959750473169&set=pb.1000207%2074345763.-2207520000..&type=3>. Acesso em: 7 fev. 2023.

Relato de um pai e professor

André Luiz Montanheiro Rocha

Minha caminhada com a educação especial inclusiva se iniciou com o diagnóstico aos dois (2) anos do meu filho com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que atualmente encontra-se com quatro (4) anos de idade. Esse relato de superação se entrelaça com experiências adquiridas em casa, vivências em sala de aula com alunos com necessidades especiais e na formação e capacitação voltada na atuação mais efetiva ao desenvolvimento integral.

Eu sou professor de ciências do ensino fundamental II desde o ano de 2015 e durante meu estágio probatório, atuei em diversas escolas em Curitiba-PR, Pinhais-PR e Piraquara-PR com realidades bem diferentes umas das outras, algumas delas bem carentes. Logo após o término, fomos morar em uma cidade mais calma no interior, pois o trabalho era muito distante da moradia, e precisávamos criar nosso filho, onde eu poderia participar de forma mais presente e efetiva. Ele teve o convívio maior com parentes e primos de idades parecidas.

Gostava de estar com crianças, porém tinha dificuldades de se comunicar e ser entendido. Sempre nos preocupou em especial sua alimentação e sono. Fizemos uma série de exames e os médicos nunca descobriram o que ele tinha, pois não era algo visível. Minha esposa teve que deixar o trabalho na área de confeitaria para acompanhar mais de perto o desenvolvimento do pequeno.

Uma amiga de trabalho me orientou a levá-lo ao neuropediatra e uma nova caminhada de muitos desafios estava prestes a começar. No começo tivemos muitas dificuldades, principalmente em achar profissionais capacitados para realizar as terapias e decidimos retornar a Curitiba em busca de melhores alternativas e de desenvolvimento.

No ano de 2020 várias oportunidades surgiram tanto para o desenvolvimento do meu filho, como para nós pais e conseqüentemente minha profissão ganhou um novo direcionamento e pude ajudar também meus alunos com os conhecimentos e experiências adquiridas.

Atualmente com quatro anos de idade eles estão inseridos da rede municipal de ensino, faz as terapias adequadas, desenvolveu a fala e principalmente

com significado. É uma criança super esperta, curiosa, sendo que no momento gosta de tudo que está relacionado ao corpo humano.

Estamos aprendendo a lidar com as situações surgidas a cada dia, e mesmo com o advento da pandemia houve uma grande melhora em seu comportamento, desenvolvimento de habilidades e capacidades que antes não era possível em um período relativamente curto.

Importante ressaltar que em muitos momentos não me senti preparado para situações específicas do transtorno, pois as demandas são intensas e muito diversificadas ao mesmo tempo, sendo que o psicológico tanto dos pais como da criança é afetado constantemente.

Sendo que muitos professores nunca tiveram nenhuma formação ou capacitação específicas para lidar com circunstâncias que jamais passaram. Acabam ficando envergonhados por não realizar um acompanhamento mais consistente.

Tive a oportunidade de trabalhar na Escola Estadual Dom Pedro II, uma instituição em Curitiba-PR que tem tentado funcionar de forma inclusiva apesar de todas suas limitações. Mesmo não atuando diretamente relacionado ao Atendimento Educacional Especializado, tive contato em especial com alunos com TEA e com necessidades visuais.

Foi uma experiência nova e em todo momento tive o apoio de toda a equipe pedagógica me incentivando e orientando para realização de um ótimo trabalho e colocar em prática aquilo que tenho aprendido.

Dentre as experiências realizadas vou destacar um aluno em especial, do sexto ano, recém matriculado na escola, diagnosticado com TEA e mutismo seletivo. Sendo que a comunicação acontece em determinados contextos e em outros não. Situação totalmente nova para todos da escola, porém a mesma soube fazer os encaminhamentos corretos.

O ensino remoto com todas as dificuldades e limitações impostas pelo isolamento social, em específico na minha disciplina, fiz uso de determinados episódios de desenhos animados: *Show da Luna*, *Storybots*, *Sid o Cientista*, *Ônibus mágico* como instrumentos pedagógicos em relação aos conteúdos abordados durante o ano letivo.

Objetivo era que o mesmo deveria assistir os respectivos episódios pré selecionados, de acordo com o currículo específico de sua série, e de alguma forma deveria se expressar sua compreensão e assimilação dos conteúdos abordados.

O registro poderia ser realizado no próprio caderno ou comprovação por foto da atividade realizada por meio de desenhos, figuras pesquisadas pela internet e frases ou se possível explicações mais elaboradas.

Em todo momento tive o apoio de alguns professores que também desenvolviam atividades diferenciadas para o aluno e principalmente da mãe, que em nenhum momento mediu esforço para incentivar e ajudar na realização de todas as atividades.

A proposta foi atrativa por ele gostar de desenhos animados, porém reconheço que foi desafiador e mesmo assim não desisti do projeto, com o consentimento e a confiança da mãe foram importantes para a continuidade. Ao mesmo tempo, fiz uso de outros meios em paralelo sempre dando opções para inclusão gradativa do aluno no processo avaliativo.

No começo o aluno tinha dificuldade de realizar algumas atividades, porém, sua força de vontade e determinação, tentou fazer todas independente se era ou não adaptada.

Com o tempo fui inserindo o projeto dos desenhos animados aos demais alunos de sua classe de forma experimental, pois a ideia era proporcionar a todos os alunos o acesso a todas as atividades, respeitando o nível de compreensão e resolução de cada um.

Em minhas aulas via meet, o aluno em destaque sempre participava, fiz uso de trechos do filme do Lorex para explicar sobre a poluição e percebi que ele começou a registrar com mais frequência as atividades e já era possível compreender várias palavras pronunciadas.

Não é exagero dizer que aluno específico acima mencionado se envolveu muito ao longo do ano letivo, praticamente em todas as disciplinas pelo envolvimento de todos dentro e fora da escola.

Mesmo não sendo o ideal e diante do contexto da pandemia, favorável ao abandono escolar, o mesmo foi reconhecido em várias reuniões e conselho de classe, como referencial do envolvimento da comunidade escolar como um todo: direção, professores, responsáveis e colegas de turma.

As atividades realizadas por ele em todas as disciplinas foram observadas até pelo seu médico neuropediatra que ficou muito feliz com o desfecho final, pois o seu paciente passou por muitas situações difíceis, até mesmo de exclusão em outros contextos.

Apesar de toda tragédia vivida no ano de 2020 e as consequências irreparáveis oriundas do coronavírus, a saúde, economia e até educação foi grandemente afetada. Aconteceu um amadurecimento e desenvolvimento não somente com o meu filho ou com o aluno específico destacado.

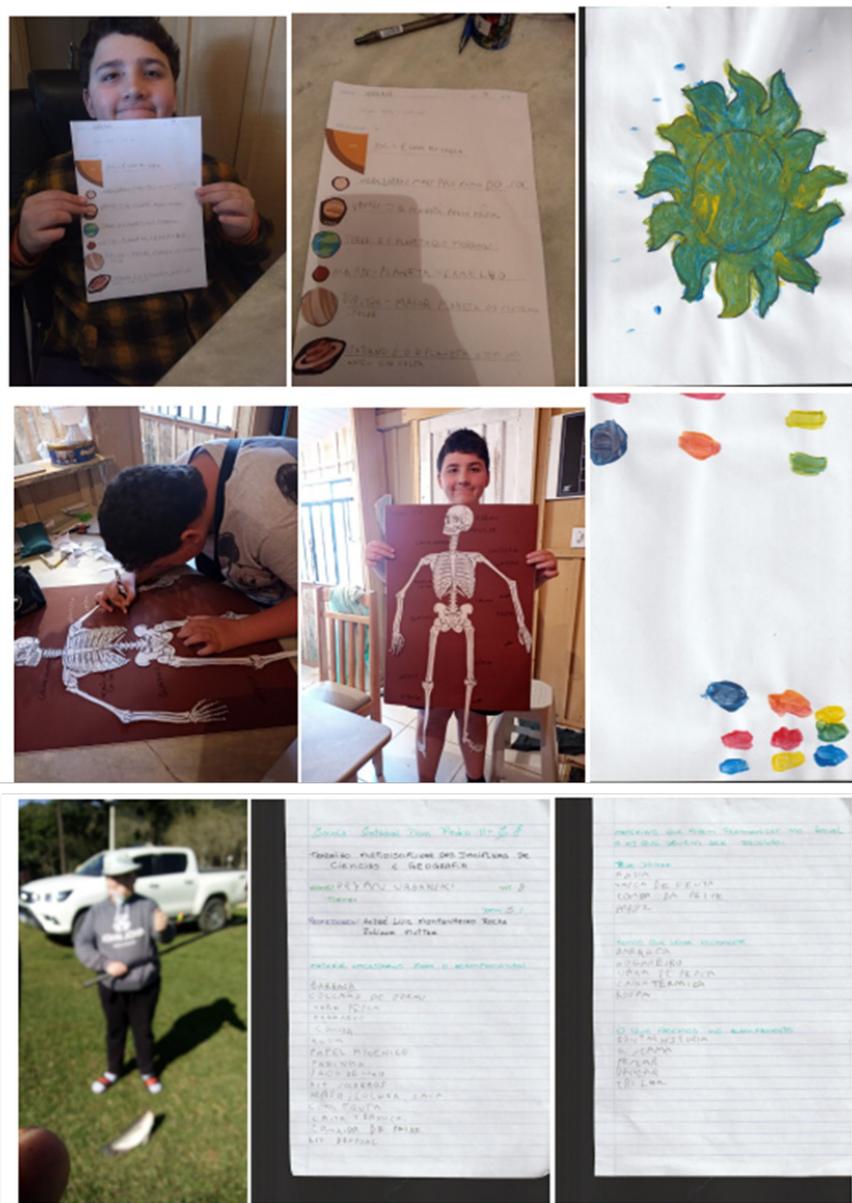
Eu também me incluo nesse processo tanto como pai e professor de pessoas com necessidades especiais. No meu caso, só foi possível graças a mudança de percepção e uma melhor sensibilidade à inclusão como um todo.

A sociedade tem uma visão rotulada ou romântica sobre o autismo, não sei se é advinda dos programas e filmes, porém a realidade é bem diferente, pois cada indivíduo é único e existem uma diversidade de situações e contextos bem distintos do espectro.

Quando eu entendi e me envolvi por inteiro é que fez todo o sentido, mesmo sendo pai e professor, preciso aprender para poder ensinar. Passei a fazer cursos voltados na área tanto para pais como educadores.

Aprendi que a inclusão se faz incluindo, ou seja, o problema não é apenas da família e nem da escola, mas sim de toda a sociedade e o envolvimento precisa ser de todos como um quebra cabeça que se encaixa com as mais variadas peças em seu devido lugar.

O conhecimento não pode ficar restrito aos profissionais da saúde, todos precisam adquirir informações científicas mais específicas sobre as deficiências, suas causas, limitações e possibilidades. Dessa forma a inclusão acontece de verdade.



Legenda: Algumas imagens de atividades realizadas pelo aluno referente ao uso de desenhos animados como ferramenta pedagógica dos conteúdos trabalhados na disciplina de Ciências.

Figura 1 – Atividades.
 Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 2 – Seu mundo.

Fonte: Arquivo pessoal.

Que tom de azul tem o seu mundo?

Edilene Falcão

Quando falamos de autismo, precisamos zelar pelo posicionamento que iremos ter acerca do transtorno, para não romantizar o que não é romantizável e, sobretudo, para não endemonizar uma condição que precisa antes de qualquer coisa de compreensão. Por isso, é relevante pensar em uma perspectiva psico-socioemocional de inclusão.

A cor azul representa o espectro devido ao fato de ser mais prevalente em meninos, no entanto, meninas também fazem parte dessa população. O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um grupo que na maioria as vezes é tão invisibilizado que o tom de azul se torna praticamente uma marca d'água.

Quando trago o questionamento a respeito do tom de azul, o faço pensando que é preciso saber de que contexto estamos nos referindo, que nível de comprometimentos esse sujeito vivencia, quais espaços sociais lhes permitem transitar e de qual suporte essa mãe ou quem exerce a função materna tem. Pois são elementos determinantes para o fortalecimento ou enfraquecimento dos cuidadores desse indivíduo, que necessitam se sentir incluídos em sociedade para que obtenham bem-estar e não se sintam sozinhos frente as demandas que lhes surgem.

E não dá para pensar inclusão sem considerar o acolhimento e as oportunidades que são possibilitadas para o autista e para quem cuida. Dessa forma, a inclusão é a grande artista, aquela que confere ou não um azulado potencializador.

Entendendo que a inclusão contribui para a melhor qualidade de vida da pessoa autista e sua família, e compreendendo que uns dos impedimentos do desenvolvimento pleno dessas crianças é a dificuldade de interação social e comunicação podemos pensar que quanto maior a rede de apoio, mais bem-sucedido é o enfrentamento desses familiares e mais agradável é o azul para eles.

Quando atentamos para o contexto, percebemos que a questão socioeconômica influencia na possibilidade de diagnósticos mais precoces e diversas

intervenções, o que favorece o desenvolvimento de habilidades e comportamentos mais adaptativos nas crianças, bem como, resulta em cuidadores menos estressados, com menos adoecimento mental.

Temos a inclusão nesse cenário, como instrumento de promoção de saúde física e mental e bem-estar tanto individual, quanto social, aquela que pode levar ao azul mais próximo do ideal.

A tonalidade de que falo, é no sentido de como cada família consegue lidar com seu filho autista, mas pensando no campo da realidade e, não no nível do imaginário, o que pode atribuir uma coloração diferente no caso a caso, fazendo pensar metaforicamente em um azul mais intenso, mais vivo, onde encontramos pais que dispõem de maiores recursos socioemocionais e econômicos, que encontram outras formas de cuidar do filho, de si e ressignificar a vida.

E de um azul mais suave, mais apagado, quando estão diante de um quadro de autismo severo, sem muita expectativa, sem esperança, por exemplo, onde muitas das vezes o desfralde é demorado, a criança é não verbal, faz muitas crises (birras) e tem comportamento agressivo, dificultando o ingresso e a permanência na escola. Bem como, falta de rede de apoio, dificuldade financeira e suporte inclusive da comunidade na qual estão inseridos.

Por isso, frente a uma paleta de cores de azul, num universo de possibilidades, vale questionar, que tom de azul tem o mundo para aquele sujeito autista e sua família?

Importante considerar que tudo isso permeia a vida do autista, desde sua mais tenra idade até a sua vida adulta, chegando a sua senilidade, modificando toda a rotina de seus cuidadores diretos, os quais precisam desde o recebimento do diagnóstico serem acolhidos diante de suas frustrações, do luto da perda do filho idealizado e dos medos que os assolam.

Precisam ser ajudados a compreender as demandas que envolvem esse transtorno, bem como, serem orientados sobre possibilidades de tratamentos e formas de incluir o filho nas diferentes esferas sociais com o menor sofrimento possível.

A maternidade típica impõe seus desafios, o que nos faria pensar que maternar uma criança atípica seria fácil? É preciso que a sociedade acolha e inclua essas mães, essas famílias, para que a vida tome uma tonalidade mais vívida, para que o mundo azul, seja um mundo mais confortável.

Formação para inclusão

Elisiane Perufe Alles

Atualmente a inclusão é um tema bastante discutido em nossa sociedade, que veio para revolucionar o sistema organizacional e as propostas curriculares vigentes, com o intuito de transformar as escolas em espaços de formação e de ensino de qualidade para todos os estudantes. A Declaração de Salamanca (ORGANIZAÇÃO..., 1994), considera escola inclusiva aquela que “reconhece e satisfaz as necessidades diversas dos seus estudantes, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos [...]” Observa-se que a principal diretriz das políticas públicas educacionais, tanto a nível federal, estadual e municipal, é a inclusão no sistema regular de ensino. No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96 (Brasil, 1996), no Capítulo III, art. 4º, inciso III, aponta que é dever do Estado garantir o “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Logo a inclusão implica a mudança de paradigma e para que ocorra efetivamente, as escolas precisam estar abertas à diversidade, temos que rever o nosso modo de pensar e de fazer educação, a formação e aperfeiçoamento dos educadores.

A educação inclusiva possui como princípio o reconhecimento e a valorização das diferenças humanas o que requer das escolas, ambientes adequados e com condições de garantia ao acesso, participação, interação e autonomia para todos os estudantes.

Ao longo de seis módulos que compuseram o curso de formação para inclusão foram explanados, discutidos, apresentados e refletidos temas acerca da inclusão, legislação, esporte adaptado, aspectos psicológicos e sociais da pessoa com deficiência, recursos de acessibilidade e inclusão digital.

O curso de formação possibilita repensar a prática profissional e a troca de experiência, acolhendo as diferenças promovendo um espaço de aprendizado,

refletindo no ambiente escolar. Promovendo por meios de atividades assíncronas e síncronas subsídios para discussão e recursos adequados viabilizando a inclusão de estudantes com deficiência.

Assim, se faz necessário ter clareza que cada pessoa é única e suas informações não devem abranger somente o tipo de deficiência ou dados clínicos a seu respeito, é preciso considerar os diferentes contextos que ela está inserida, atendendo suas necessidades, habilidades, dificuldades, desejos, preferências, entre outros, contribuindo assim para a elaboração de um plano de ensino estruturado com os objetivos, metas, procedimentos, adequações, adaptações, suportes etc. Ao longo do curso experienciamos recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar as habilidades funcionais de pessoas com deficiência e, conseqüentemente, promover a independente, inclusão e qualidade de vida.

Por fim, evidencia-se que a inclusão não está atrelada a pessoa com deficiência, mas a todos, a comunidade uma vez que se entende que a deficiência está no ambiente que impossibilita o indivíduo de ser atuante na sociedade.

Todas as pessoas possuem capacidades, habilidades e potencialidades, só precisamos identificá-las e proporcionar os recursos e suportes necessários.

Na figura abaixo a partir da indicação do documentário intitulado pódio para todos pelo professor Patrick Souza que abordou o tema: *o desenvolvimento histórico da pessoa com deficiência e do esporte adaptado no Brasil e no mundo*, buscou-se representar a igualdade entre todos.



Figura 1 – Igualdade.

Fonte: Arquivo pessoal.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº. 9394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008.

GAUDENZI, P.; ORTEGA, F. Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 21, n. 10, p. 2061-3070, 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Declaração de Salamanca**. Salamanca, ES: UNESCO, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2023.

Formação para inclusão

Ivete de Sousa Luna

Quando se fala de inclusão, logo pensamos em educação, em ambiente escolar. No entanto, a inclusão está relacionada na vida do ser humano de modo geral, inclusive no aspecto social. Inclusão nada mais é do que o processo de adaptação e transformação que a sociedade precisa ter para incluir todos e qualquer indivíduo com necessidades especiais, preparando as para assumir o seu lugar de direito no meio em que vive. É obrigação da sociedade, juntar-se a essas pessoas com necessidades especiais em busca do respeito, da igualdade, de possibilidades e oportunidades.

Através do curso de extensão: *formação para inclusão*, busquei adquirir conhecimentos mais específicos para minha carreira profissional, já que pretendo trabalhar com educação infantil. Sabendo que irei encontrar inúmeros desafios, estarei sempre buscando mais formações que me venham ajudar a lidar com esse mundo de diversidades. Desta forma também poderei contribuir positivamente na construção de uma sociedade consciente de que as diferenças devem ser aceitas e respeitadas, que todos temos direitos iguais, independentemente de ter ou não alguma necessidade especial, e se as coisas não acontecem desta forma, então não há inclusão.

No decorrer do curso a cada aula assistida, pude perceber o empenho e dedicação de cada professor em repassar os conteúdos com muita clareza. E cada disciplina apresentada foi de suma importância na aprendizagem dos participantes envolvidos nesse curso. De um modo geral, cada conteúdo mostrado, frisava a importância da inclusão na vida do ser humano. A aula que mais me chamou a atenção, foi a do módulo 2: *aspectos psicológicos da pessoa com deficiência e sua família*.

Aula ministrada pela professora Fátima Minetto. O conteúdo falava das práticas educativas parentais, crenças parentais, estresse parental e funcionamento familiar de pais e crianças com desenvolvimento típico e atípico. Tratava-se de uma pesquisa feita com mães ou pais residentes em Curitiba, capital do Paraná. A pesquisa mostra que as famílias que não obtinham nenhum acompanhamento por alguma rede de apoio eram as que sofriam mais estresse, o que conseqüentemente as crianças que pertenciam a essas famílias teriam prejuízo no seu desenvolvimento.

Texto sobre os encontros

Larissa de Souza Peres

O projeto é maravilhoso de encontros únicos e enriquecedores, esperava ansiosamente para vivenciar cada sábado e poder aprender com os convidados que tratavam de temas tão relevantes tais como o desenvolvimento histórico da pessoa com deficiência e do esporte adaptado no Brasil e no mundo, aspectos psicológicos da pessoa com deficiência e sua família, aspectos sociais da pessoa com deficiência e a legislação vigente, treino, aprendizagem do exercício físico e linguagem corporal, treino, aprendizagem do exercício físico e linguagem corporal, esporte, inclusão e educação: perspectivas transversais. Uma oportunidade única que vou levar para vida profissional e como pessoa. Tive a oportunidade de participar como ouvinte de GT de educação especial presencial em 2019 na rural sendo o primeiro contato com o projeto superar e por conta da pandemia ter sido virtual superou minhas expectativas confesso que foi muito produtivo estudar pelo ensino remoto.

Gratidão me define!

Parabéns a toda equipe e mestres!

Momentos tão difíceis, porém participar da turma fez todo o sentido para mim!

Diário de bordo

Lurdes Fabricio de Oliveira

O Diário de bordo apresenta-se como um instrumento composto de narrativas das ações e experiências cotidianas, com possibilidade de refletir sobre o que foi realizado e o que pode ser aprimorado. Com o registro diário, propõe-se estimular a evolução da habilidade reflexiva e a tendência para a melhora da capacidade crítica e autônoma, com vistas à investigação da própria prática pelo professor (BOSZKO; GÜLLICH, 2016).

Minha pesquisa configurada para o modo online

No começo do ano de 2020 ao me preparar para iniciar a fase de coleta de dados de minha pesquisa foi necessário configurá-la para o modo online, a partir da declaração de estado de pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS) devido a covid-19 (vírus SARS-COV-2), tudo precisou ser organizado e aplicado de forma virtual. Essa experiência para a minha atividade de pesquisadora iniciante ficou marcada para sempre, pois para além de lidar com o encaminhamento científico, seu rigor e meu compromisso, também me deparei com a incerteza do desconhecido e os ajustes das expectativas do outro, no caso as professoras (minha pesquisa foi desenvolvida em escolas e as participantes foram professoras).

Neste novo desconhecido para todos e no que refere ao momento de minha pesquisa, para as professoras com: “aulas escritas”, mensagens por aplicativo aos seus alunos, entre outros, surgiu a necessidade de configurar-se um novo contato, que outrora seria presencial, mas que na ocasião demandou ser em modo online, ainda que no formato piloto (tomando emprestado o encaminhamento de pesquisa), com ajustes a serem feitos, mas apresentando-se como mais uma possibilidade.

Assim como propõe minha pesquisa em uma perspectiva colaborativa, entre encontros síncronos e assíncronos, além do debate acerca do trabalho pedagó-

gico desenvolvido com alunos público-alvo da educação especial estabeleceu-se também, uma rede de apoio em que um ano com desafios e reconfigurações, proporcionou aprendizagem. Me sinto grata pela oportunidade de ter estado com professoras corajosas que além de seus trabalhos, se disponibilizaram a participar de meu estudo e juntas confirmamos a importância da colaboração, do trabalho em parceria voltado à inclusão escolar, também no modo online.

Referências

BOSZKO, C.; GÜLLICH, R. I. C. O diário de bordo como instrumento formativo no processo de formação inicial de professores de ciências e biologia. **Escritos sobre la Biología y su enseñanza**, Colombia, v. 9, n. 17, p. 55-62, 2016.

Relato da vida real

Luciana de Almeida Medeiros

Vou contar para vocês uma história de alguns anos atrás quando eu e minha família tivemos a oportunidade de conhecermos uma menina muito especial e a partir daí, entrar para nossas vidas...

Um dia, fui buscar minha sobrinha de carro na casa dela em outro bairro de onde eu morava.

Ela entrou no carro, sentou atrás, até porque ela só tinha quatro anos naquela época.

E seguimos. Até aí tudo bem!

Em uma das ruas próxima a casa dela, tem uma escola pública, e passando por lá vi uma conhecida do meu bairro com sua filha, em pé na porta da escola, sozinhas e já estava escurecendo. Então, resolvi me aproximar e perguntar se elas queriam uma carona pra casa, pois eu estava indo de volta pro meu bairro, o mesmo lugar que elas moravam. E elas aceitaram, e foi aí que tudo começou...

A mãe entrou no carro na frente comigo e colocou sua filha que tem síndrome de Down atrás com minha sobrinha.

Bem, até aquele dia minha sobrinha não tinha tido contato com nenhuma criança com algum tipo de deficiência e foi ali, naquele momento, que tudo mudou.

Minha sobrinha quando olhou para aquela menina que na época tinha 14 anos, viu aquele rostinho diferente, e eu senti no meu ombro aquela mãozinha, que eu nem precisava olhar para trás para saber o que queria dizer:

— Tia, eu não a conheço! Quem é essa menina?

E foi então, que eu apresentei uma à outra:

— Maria Clara, essa é a Kerma, minha amiga — e olha que ainda nem era rs. — Kerma essa é a Maria Clara, minha sobrinha.

Pronto!

A Kerma com aquela simpatia, aquele carinho enorme, aquela menina encantadora, encantou minha sobrinha. As duas começaram a conversar, a rir, relaxaram, e eu e a mãe da Kerma seguimos tranquilas até em casa.

E hoje, dez anos se passaram e nunca mais elas saíram das nossas vidas, da nossa família. Hoje, Kerma e Maria Clara são amigas, graças aquele dia, aquele momento, aquela atitude, pois nós adultos que devemos mostrar que não devemos ter preconceito, ensinar que cada pessoa é de um jeito, com características físicas, pessoais, particularidades e preferências únicas, e deve ser respeitada.

Os pais são o principal exemplo e devem aproveitar cada oportunidade para ensinar a importância de respeitar as diferenças, pois seu comportamento faz toda a diferença na visão das crianças.

E foi assim com a gente.

Posso dizer que hoje, não só a Maria Clara, mas as outras crianças da família e até nós mesmos, conhecem a Kerma, conhecem aquele rostinho físico diferente, aquela menina que hoje é uma moça super carinhosa, que tem uma alegria contagiante, um amor de pessoa.

E assim seguimos, com essa experiência, esse aprendizado que foi importante para mudar nossas vidas. Pois éramos desprovidos desse conhecimento, dessa proximidade com pessoas com deficiência.

E hoje fez toda diferença pra gente! Só temos que agradecer!

Diário de uma pedagoga em formação

Maylla de Freitas Ramalho

Neste diário consta as duas aulas que mais me chamaram atenção durante o curso até hoje, a primeira aula que aconteceu dia 17 de setembro de 2020 e a segunda aula que ocorreu duas semanas depois, eu optei por montar meu trabalho desta maneira pensando na liberdade que eu teria para escrever mais tranquilamente e por poder usar a narrativa como tipo textual. O diário de bordo, ou também como é chamado caderno de campo, é um instrumento pedagógico no qual o aluno resenha as ideias discutidas ao longo de uma aula ou durante um curso.

A princípio, eram apenas anotações no meu caderno de estudos, pontos importantes que eu anotei durante as aulas e após a leitura do material de apoio também, alguns comentários que os professores fizeram e alguns outros que eu achava importante guardar. Minha anotações e comentário sofreram algumas alterações durante a formulação desse trabalho, mas eu apenas corrigi alguns erros e organizei melhor a estrutura da minha escrita.

E não posso me esquecer de uma das partes mais importante desse diário, eu mesma. Meu nome é Maylla e tenho 23 anos, sou estudante de pedagogia na UFRRJ e estou presa no sétimo período tem um ano já (graças a pandemia). Sou formada como mediadora escolar e atuei três anos nessa função, que foi mais uma das coisas que foi interrompida por causa da pandemia.

Sejam bem-vindos ao meu diário de bordo, o diário de uma pedagoga em formação, espero poder contar tudo a vocês e espero também que esse material seja uma grande fonte de informação e ajuda para o nosso projeto final do curso.

17 de setembro de 2020

A primeira aula teve como tema o desenvolvimento histórico da pessoa com deficiência e do esporte adaptado no Brasil e no mundo, e foi ministrada pelo professor Patrick Souza. Foi uma aula que inicialmente já me chamou muita atenção, talvez pelo fato de existir sempre a euforia da primeira aula, mas com certeza foi também teve um pouco a ver com o fato de eu ser apaixonada pela prática de esportes.

O professor Patrick é diretor de esportes no Instituto Superar, e no início da aula, após sua apresentação, ele nos mostrou uma foto de uma das suas turmas de natação, todos felizes e com suas medalhas na mão. Ele seguiu a aula comentando sobre algumas leis que asseguram os direitos das pessoas com deficiência, entre elas o primeiro artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos que fala sobre a nossa liberdade de forma igualitária, e também sobre a lei 7.853 de 1989 que fala sobre a pessoa portadora de deficiência (hoje o uso desse termo não é mais adequado) ter o direito de interagir socialmente. E houveram muitas outras leis comentadas na aula, que foram de extrema importância para que o progresso pudesse acontecer.

Depois do nosso primeiro intervalo na aula, o professor retornou falando sobre Ludwig Guttmann, que é considerado o pai do paradesporto. Ele era um médico e organizou algumas competições para atletas com deficiência nos jogos olímpicos de Londres no ano de 1948 e alguns anos depois, em 1961, Guttmann fundou a Federação Inglesa de Esportes para Portadores de Deficiência. E junto com todo o legado deixado por ele nos surgiu uma palavrinha com o significado enorme, equidade, que tem a ver com o senso de justiça, imparcialidade e com o respeito à igualdade de direitos, mas igualdade com consciência na diferença entre as pessoas. “Mas como assim?”. Ficou bem confuso isso, até para mim que escrevi. A equidade, dentro do paradesporto, se dá a partir do momento quem você entende que até mesmo as pessoas com a mesma deficiência têm suas diferenças, e é com essa consciência que você vai gerar a igualdade a partir de um tratamento voltado a singularidade de cada um.

A aula foi acontecendo, o professor nos trouxe vários vídeos e fotos sobre o mundo do paradesporto, mas foi um pouco mais no final que entramos no assunto que me chamou atenção demais, autismo, minha área de atuação. Ele falou sobre o autismo ser um distúrbio que é caracterizado por alterações que começam a se apresentar bem precocemente, mais ou menos com três anos de idade. O autismo tem sua origem desconhecida, alguns estudos foram levantados e algumas teorias são levadas em consideração, mas nada que confirme sua causa

100%. E também não existem testes de laboratórios que sejam específicos para a detecção do autismo, seu diagnóstico é feito a partir de avaliações comportamentais e do caso clínico, tal como a Síndrome de Asperger também.

E encerramos nossa aula fazendo uma atividade em grupo, nos dividiram em salas fechada e fiz meu trabalho com mais três meninas incríveis, elas acharam melhor eu ser a “representante” e apresentar o nosso trabalho, e já que ou uma tagarela e o assunto me agradava muito, não foi nada difícil fazer esse trabalho, as meninas também eram muito inteligentes e ajudaram demais. A aula e o trabalho foram incríveis, consegui absorver até a última gota e fiquei ansiosa para próxima aula.

31 de setembro de 2020

A nossa segunda aula foi com a professora Fátima Minetto, quando eu vi o currículo dela e ela se apresentando no início da aula meu pensamento foi: “Que mulher é essa? Quando eu crescer, eu quero ser igualzinho a ela”, eu fiquei muito encantada e impressionada com todas as formações que ela tem de verdade, também vi a paixão que ela tem com o trabalho dela e é impossível não se admirar e não querer se espelhar em uma profissional como ela. Aula teve como tema Aspectos Psicológicos da Pessoa com Deficiência e sua Família, a professora começou comentando e mostrando um pouco do seu trabalho.

A professora falou sobre a análise ecológica do desenvolvimento humano, criado por Urie Bronfenbrenner, ele defendia os direitos humanos, tendo uma ênfase maior nas crianças. Ficou conhecido como a ciências que trata das relações entre os seres vivos e o ambiente onde eles vivem e passou a ser chamado de bioecológico. Depois falamos um pouco sobre como idealizamos e criamos expectativas a chegada de um bebe ao mundo, e sempre a possível possibilidade dos filhos não nascerem de acordo com o imaginário dos pais. Falamos também como é a adaptação da família, que inicialmente sempre é rodeada por confusão e muita insegurança, o que nos levou a falar sobre os modelos teóricos que tentam descrever esse processo de adaptação familiar.

Começamos a falar sobre uma visão psicológica sobre todo esse processo em envolve a adaptação da família e da criança. Comportamentos indesejáveis possam aparecer, e que até mesmo a indisciplina e a agressividade podem ser considerados sintomas. E também que todo o sintoma tem uma função, seja ela

sinalizar que esteja ocorrendo um desequilíbrio no sistema e/ou uma tentativa de proteger a homeostase (estado de equilíbrio interno). E comentamos também formas devemos fazer, aceitar e buscar ajuda, e sempre ter coesão (laços emocionais que unem os membros de uma família). Ainda falando sobre a família, foram classificados três modelos de pais, sendo eles autoritativos, autoritários e permissivos, numa pesquisa de campo o modelo autoritativo foi associado a notas altas e os outros dois foram associados a notas baixa. E concluímos que a melhor forma de lidar com tudo isso é dar o máximo possível de autonomia para essa pessoa, que envolve independência, liberdade ou autossuficiência.

E por fim, falamos um pouco sobre o profissional mediante a que foi comentado a cima. A importância que não haja um julgamento a família, sempre buscando sempre alternativas para uma flexibilização e negociação, e sempre trazer a família para perto e torna-la participativa durante o processo. A relação pais e profissionais nem sempre são as melhores, muitas vezes os pais esperam que tudo aconteça num passe de mágica e os profissionais não devem se desesperar pelas cobranças.

Finalizamos a aula com a professora mostrando um pouco mais sobre seu trabalho, comentando sobre um paciente que ela acompanhou desde seu nascimento até sua vida adulta, mostrando foto e relato sobre a vida dele. E concluímos que é preciso sonhar, criar um imaginário sobre a vida adulta e que isso é um resultado maravilhoso de um processo educativo e existencial que deve começar na infância.

“É difícil encontrar a distância correta, mas principalmente, é distanciar o filho pouco a pouco, como acontece com todas as crianças normais e em todos os processos educativos, em todas as viagens rumo ao mundo dos adultos”.

(MONTORBIO; LEPRI, 2007)

Diário de bordo: ano de 2020, 366 dias de ressignificação a pessoa com deficiência

Michael Fernandes Maia de Araújo

Quero deixar registrado minha felicidade ao cursar a Formação em inclusão promovido pelo instituto superar, dentro de um processo de construção de conhecimento em seus vários eixos dentro do tema inclusão. Trago aqui meu diário de conhecimentos adquiridos juntos das vivências dentro do esporte adaptado para pessoas com deficiência. Dentro deste texto quero deixar meus agradecimentos a toda gestão do curso que desenvolveu esse trabalho com maestria dentro da pesquisa e das evidências científicas para esse momento. Desde já meu muito obrigado.

Dentro do primeiro módulo do curso *Desenvolvimento Histórico da pessoa com deficiência e do esporte adaptado no Brasil e no mundo* me chamou atenção dentro do contexto de integração onde apenas encaixo um indivíduo com deficiência dentro de um grupo específico e inclusão onde atendo todas as necessidades do meu aluno dentro de quadra, me trazendo assim a minha inquietação para realizar esta formação, olhando para dentro de mim a importância de atender o meu aluno em todas suas dificuldades, superando todas as barreiras que apareçam dentro da vida de uma pessoa com deficiência, dentro do esporte paralímpico, onde observo a necessidade ajudar esse grupo em específico da melhor forma possível e com a qualidade que assim merecem.

Quando resolvi cursar educação física eu sempre tive interesse em como o ser humano se comportava durante a vida. Dentro das aulas no período escolar tive duas professoras que me motivaram a fazer este curso e quero deixar registrado o nome delas a esse trecho Marly Fogo com toda sua experiência dentro de quadra ensinando um diferencial importante a cada aluno dentro do esporte dentro do aspecto social e de respeito, tanto as regras do esporte e ao colega ao lado, mostrando que a inclusão já começa ali mesmo, sabendo respeitar o seu

próximo. Outra pessoa é a Roseli Almeida que seu amor pela profissão trouxe toda a essência da afetividade na prática naqueles momentos, nos fazendo lembrar a importância da comunicação e a sociabilidade dentro de quadra para um melhor aprendizado coletivo.

Meu primeiro contato com a pessoa com deficiência dentro de quadra foi uma vivência muito interessante, vindo de uma experiência em recreação e lazer onde as crianças ao meu comando realizavam as atividades propostas sem muitas dificuldades, me sentia alegre ao final de cada trabalho. Já dentro deste eixo dentro do esporte paralímpico, tive que me readaptar a um novo grupo de alunos, onde a paciência e comunicação principalmente era fundamental seja ela verbal ou não verbal, para que minha atuação fosse um sucesso. Foi aí que fui em busca de novos conhecimentos trazendo todas as experiências teóricas e aplicando na prática no meu caminho como estagiário dentro da bocha paralímpica e vôlei sentado, conversando com meus orientadores das duas modalidades em específico e discutindo sobre cada ação em quadra. Foi aí que fui vendo grandes resultados com os alunos desde um sorriso ou um agradecimento a aula vendo que estava no caminho certo para construção desta experiência que estava a procura para minha realização profissional.

Só que apenas isso não foi suficiente dentro de um ano onde fomos acarretados por uma situação de pandemia chamada covid-19 onde fomos obrigados a sair de uma realidade onde o profissional de Educação Física teve que sair de um espaço onde estava acostumado a realizar as suas aulas e ir para um quadradinho chamado mundo virtual e a necessidade de se manter em isolamento social. Aí que veio uma grande dúvida que muitas professores tiveram neste terceiro período e a pergunta era: Como irei ministrar as minhas aulas agora sem estar em quadra, e como um projeto iria funcionar dentro de casa? A solução veio em busca de uma maneira incansável de pesquisas e ações que foram achados resultados que eram aqueles momento online, onde para muitos era um momento individual dentro da casa de cada um, se tornou como se fosse dentro de quadra, nos trazendo aquela velha lembrança do ensino médio que a comunicação e a afetividade andam juntas, surgindo aquele momento social de modo virtual, que tudo aquilo estava longe de ser algo negativo. Toda essa experiência de quarentena melhorou ainda mais meus resultados daquilo que almejava como objetivo durante um ano, só que trazendo mais uma vivência e experiência no ano de 2020 única e rara durante uma jornada de vida.

Logo quando fui convidado a fazer a Formação em Inclusão me veio como uma cereja do bolo para finalização de um ano com resultados incríveis, me trazendo a complementação que queria aprender dentro do contexto da pessoa com deficiência, que ao mesmo tempo foi com retorno das atividades em

quadra, seguindo protocolos de segurança e higienização, onde todas as aulas foram me trazendo novos conhecimentos para minha atuação naquele momento que estava se iniciando.

Ao fazer nossas avaliações formativas, vimos que mesmo em casa os resultados foram alcançados durante um planejamento anual de atividades. Os alunos mostraram grandes resultados no retorno as atividades presenciais. No início muitos deles mostravam dificuldades na realização de alguns fundamentos do esporte paralímpico. Ao retorno das atividades presenciais aquele “saque sem direção” tomou forma e direção em um ponto específico, aquela “manchete que não tinha acertos” foram conquistadas e aquela “leitura de jogo para pontuar colando na bola branca” foram alcançados. Deixando todos dentro daquele espaço alegre com os resultados alcançados seja dentro de quadra ou fora dela.

E toda a vivência de adaptação para a realização ministradas no curso foram essenciais para a nossa finalização de atividades no ano de 2020 com um ano bissexto de 366 dias para nos mostrar a importância do conhecimento como forma essencial para construção do ser humano em sua totalidade atendendo assim todas as dificuldades e angústia se renovando a cada dia que não existe obstáculo quando a vontade de aprender e se ressignificar pode mudar seu estilo de vida e motivar quem está ao seu redor.

Muito obrigado!!!

E na verdade o que é inclusão?

Prof. Vagner Batista da Silva

E na verdade o que é inclusão?

Se nos dias de hoje me parece que quem mais necessita são pessoas consideradas sãs.

Pessoas que precisam de pontes acessíveis, para transitarem sua visão preconceituosa de todas as formas.

Que precisem de rampas para acessar seu ego, livre do racismo e julgamento.

Buscam a recontagem de cromossomos para exalarem o seu veneno.

E na verdade o que é inclusão?

Pessoas que tem a necessidade de serem ouvidas pelo que lhes convém ou por linguagens que as convém. Por escritas em braile que só traz privilégios a uma minoria do círculo de amizade ou acesso social.

E na verdade o que é inclusão?

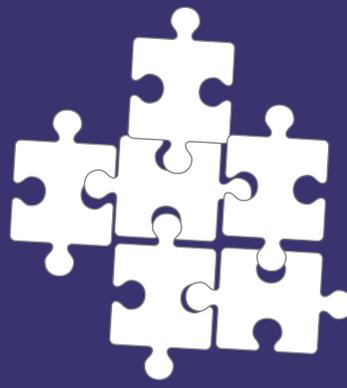
Num país onde não conseguimos nos comunicar de forma justa, e o que vale para um não vale para todos. No dia em que tudo que for acesso inclusivo, onde se diminua a distância entre todos e que possamos estar em um grau de igualdade de vida, poderemos falar que a inclusão funciona para você ou para mim, para uma sociedade mais humana e mais justa que não aprende com as dificuldades e só segrega.

A inclusão trava uma batalha quanto a tudo que foi citado acima. Lutamos por mais rampas e menos escadas, por menos pena (dó), e mais socialização. Por possibilidades da comunicação, linguagem e facilitadores dessa escrita e fala, em qualquer esfera, local e maneiras desde transporte a educação, artes e lazer.

Por oportunidade e direitos igualitários e condições para chegarmos nessa igualdade.

O mais importante é começar de alguma maneira, pois hoje através de muitas lutas que estão por vir, só assim conseguiremos incluir em todas as áreas de todas as maneiras.

O que você tem feito para ajudar a incluir?



POESIAS

O que é poesia?

Parece uma pergunta fácil de ser respondida, tamanha sua ingenuidade. Como delimitar algo que não tem limites? Como categorizar a poesia, quando essa ganha diferentes sentidos, atingindo uma subjetividade que dificilmente poderá ser dimensionada? Responder a esse questionamento não é tarefa fácil nem mesmo para os mais hábeis artistas e poetas, que vivem rodeados pela linguagem poética e os múltiplos significados que dela podem emergir. (O QUE..., s.d.).

Um verbo composto

Em meio a reflexão
 e a doçura do dia a dia
 pude perceber
 que a incluir é um verbo composto
 É composto pela empatia,
 pelo acolhimento, pela sinceridade de um abraço
 e por um sorriso que renova a esperança a cada dia
 Composto pela equidade,
 pelo espírito de fraternidade
 que em meio as igualdades e diferenças
 nos faz buscar soluções com perspicácia e criatividade
 A inclusão é criada a partir de um desejo verdadeiro
 De sonhos tão gentis e tão inteiros
 Que nos levam a lutar e a realizar
 E em meio a essa luta,
 Com coragem, força e dedicação
 Construímos a cada dia
 um mundo mais humano e mais sensível
 Em que todos têm as mesmas oportunidades
 Em que sonhar é possível

Ana Maria Urbano

Inclusão uma forma de amor

Inclusão é dessegregar
É preciso ter um novo olhar
Respeitar os direitos
E perceber que não há limitações
E sim amor em nossos corações
Incluir é reconhecer
Quebrar barreiras entre as pessoas que o “vê”
Desenvolvendo autonomia
E estimulando a inclusão
Demonstrando a cada aluno
A grande riqueza do seu aprendizado
Vivendo, sonhando e realizando.

Bruna Gonçalves Gomes

Precisamos ver o outro como a gente

Num Momento tão difícil
Somos tanto tipo de gente.
Pretos, brancos, coloridos...
Uns iguais, outros diferentes.
Precisamos ser diferentes.
Pois no fundo, será que somos iguais?
Precisamos ver o outro como a gente.
Afinal, não importa sua crença, cor, formação nem bens materiais.
Precisamos ver o outro como a gente...
Para isso temos meios
Que nos tira a aflição.
Olha o Formação para Inclusão
Que leva nossos anseios.
Que nos torna melhores perante a população.
Que derruba nossas barreiras.
Que abre nosso campo de visão.
Que nos faz entender o outro
Na sua essência, particularidade...
Com a sua diferença, seja ela qual for.
Que nos faz entender, que estamos aqui por amor.
Amor a mim, ao próximo, amor a vida.
Amor a diferença, a diversidade.
E fico na ansiedade
De ver um mundo de verdade.
Que mesmo que não pratique
Respeite a diversidade e a inclusão.
Um mundo com acessibilidade.
Com legenda acessível, tecnologia e gratidão.
Acesso no teto, na parede e, também no chão.
Para quem não enxerga, audiodescrição.

Precisamos ver o outro como a gente...
Não importa a diferença.
Física ou intelectual.
Num mundo com tanta diversidade.
Que ainda não aprendeu a viver em igualdade.
Ser diferente é normal.
Por isso me expresso com tanta gratidão
Tentando tocar o seu coração.
Pois amar ao próximo...
É amar a nós mesmos afinal!

Clécio Souza

Feliz de qualquer jeito

Seja de um jeito ou de outro
Cada um é do jeito que é,
O jeito é ser feliz seja qual for o jeito!
Não foi por que quis que assim eu nasci,
Mas sim eu quero de todo jeito
Eu vou é ser feliz seja qual for o jeito!

Não só eu, mas todo mundo é especial,
não importa a cor ou tamanho
ninguém é menos ou mais.
O igual também é diferença,
Ou que diferença faz?

Graça não teria se tudo fosse igual,
tudo sem graça, não saberia qual!
Por isso digo e repito que ser diferente
é diversidade, ser diferente
é normal.

Somos coloridos: verde, rosa, vermelho ou lilás,
não importa qual seja a cor, tanto faz!
Por isso digo e repito
ser diferente é diversidade
Sem graça seria se fosse igual,
ser diferente é normal!

Christiane da Silva

Inclusão

“É de pequeno que se aprende”

Durante minha vida, muitas coisas presenciei,
amiguinhos “diferentes”, estudando onde
não estudei. Eram tão inteligentes que muitas
vezes eu pensei: “Por que não estão aqui
conosco, compartilhando sua presença,
Sorriso, alegria e inteligência?”

Sempre vi muitos olhares
de pena, repulsa e compaixão,
mas eu nunca entendia
o motivo dessa expressão.

Com o passar dos anos, cada dia fui
aprendendo a nunca me deixar levar
por esse tipo de sentimento.

Aprendi desde pequeno que
todos nós somos iguais,
não importa na contagem,
se você tem um cromossomo a mais.

Venho de uma família humilde
e nunca ouvi de inclusão,
quem chegava em nossa casa
incluído estava desde então.

Hoje vejo que o mundo
está mudando sua percepção
com a voz de tantos anjos que
falam sobre a inclusão.

Desenhos, filmes, gibis com personagens deficientes
Para nossos pequeninos não achá-los diferentes.
Cabe a nós pais, tios, avós apontar sempre pra frente.

Quem foi que definiu quem ou o que é “diferente”?
Todo dia nessa vida é oportunidade de aprender.
Sigamos com passos firmes na batalha do coração,
pois muitos não são como nós
que tem cada qual como irmão.
Como a chuva faz na terra,
assim faremos igual,
irrigando um solo fértil
porque nenhum coração é mau.
Chegaremos em breve ao dia
de total alteração,
onde não confundiremos
Integração com INCLUSÃO
e a partir desse dia,
Para sempre esquecerei
Dos olhares de pena, repulsa, compaixão
Que um dia presenciei.

Demilson Lino

A adaptação para a inclusão

O assunto ao qual venho falar
É bastante polêmica
para a nossa sociedade,
Atender as pessoas com deficiências
A inclusão veio para facilitar e nos adaptar
É importante estimular
No planejamento escolar
Uma formação que proporcione a inclusão
Professores de caráter para essa adaptação
E cumprir com essa finalidade
Temos que garantir a inclusão do aluno
No atendimento em grupo ou individual
Com atividades atuais, para que possamos trabalhar
A inclusão representa igualdade entre os diferentes indivíduos
Para permitir que todos possam participar de várias dimensões
Socialmente sem sofrer qualquer tipo de discriminação.

Edriele Niedja da Silva Gomes

Formação do Eu

Os olhos que veem e não enxergam,
uma vez que passam a observar algo
novo jamais piscarão da mesma forma.
Nem mesmo deixarão de incluir
as diferenças em sua percepção.
Assim é formar-se para inclusão
Observar e compreender
que o outro está além de você.
Mas, assim como eu sou, você é
E todos os outros possuem sua a maneira
de ser e viver.
Chego a esse mundo e entendo
o que estava aqui antes mesmo
que eu pudesse ver
como são outras formas de ser.
Aprender a viver por diferentes
e belas formas de ver, ouvir,
aprender e ser.
Ser assim como outro ser,
mas sem a mesma forma de viver.
Assim, abro o livro da vida
e lhe faço uma pergunta:
Como é ser e estar você?

Gabrielle Mazulo De Jesus

Ressignificar

Segregar
É maldisser
Apartar sonhos
Realçar desigualdades
Agregar
É conter
Fragmentar sonhos Enfadonha formalidade
Integrar
É conviver
Inviabilizar sonhos
Enfrentar dificuldades
Incluir
É permitir viver
Idealizar sonhos
Propor dignidade
Não abordamos insanidade
Inclusão é alteridade Sujeitos dignos
Merecem mais que cordialidade
Inclusão é assertividade
Sujeitos de direito
Merecem respeito
Inclusão
subst. fem., mas. e para todos
Permitir ser
Realizar sonhos
Equiparar oportunidades

Jeniffer Lorrynia Silva Santana

Inclusão X exclusão

Quem inclui NÃO exclui
Quem ama NÃO despreza
Quem cuida SÓ evolui
Quem respeita SÓ embeleza

Quem sensibiliza NÃO é egocêntrico
Quem é gentil NÃO é grosseiro
Quem tem empatia É simpático
Quem é humilde É companheiro

A inclusão tem visão!
A exclusão tem divisão.
O que uni fortifica.
O que desuni destrói!

Larissa de Souza Peres

Excluir ou incluir?

Excluir, destruir.
Incluir, construir
Excluir, silenciar
Incluir, exaltar
Excluir, odiar
Incluir, amar
Excluir, esquecer
Incluir, enaltecer
Excluir é cruel
Incluir é ser misericordioso
O sol é para todos!
Por isso faça a sua escolha:
Inclua? (X)
Exclua? ()

Larissa de Souza Peres

Uma poesia especial de inclusão e amor.

É preciso sentir com o coração
Somos todos diferentes
Dentro de uma grande nação
Quem inclui de verdade são os docentes!
Somos todos iguais na diferença!
Docente que acolhe
Docente que cuida
Docente que ensina
Educador que transforma a sociedade que muda o mundo!
Somos todos iguais na diferença!
Olhem com sensibilidades
Excluem os preconceitos
Viva as diversidades
Inclusão inclui direitos!
Somos todos iguais na diferença!
O respeito que vai além da profissão
Aceitar a inclusão é um desafio
Incluir é uma missão
Em um mundo melhor eu confio!
Somos todos iguais na diferença!
A educação especial
É um olhar especial de amor
O amor me explicou tudo, isto é essencial.
Sou professora por amor!

Larissa de Souza Peres

O mundo e suas cores.

No imaginário nasce a criança,
Antes dela ver as cores do mundo.
Os pais idealizam com confiança
Um bebê da “perfeição” oriundo

O choque veio quando viram
Que o bebê não podia ver.
Inseguranças os consumiram
E agora, como vai ser?

Nos montes mais altos, buscaram ajuda.
Por Deus, alguém nos acuda!
De lá, profissionais desceram.
Pedagogos e Psicólogos os acolheram.

Falaram que tinham que ser resilientes
Buscando uma rede de apoio eficiente.
A dificuldade seria superada
E a criança, potencializada.

Viram a birra da mãe. Ela negava.
Falava que era difícil de aceitar.
E era ali que ela se enganava.
Não era mero aceitar, era entender e lidar!

Viram o pai em indulgência.
Permissivo, ele só gerava negligência.
Mas ele deve às necessidades responder
E todos os sucessos da criança reconhecer.

Afinal, a autonomia é a chave
Para que a criança floresça,
Que seus sonhos ela nunca esqueça.
Que um mundo sem cor não seja entrave.
E que se liberte toda as cores
De dentro dos corpos fora da norma.
À margem, silenciados e acinzentados.
Isso não deve ser aceito de nenhuma forma.

Luana Clemente

Afinal de contas, o que é realmente incluir?

Será que incluir é apenas não negar matrículas para alunos com deficiência em escolas comuns?

Será que o esporte pode ajudar na inclusão social?

Ou apenas pessoas sem deficiência podem praticar atividades físicas?

A natação, por exemplo, é um esporte que promove a inclusão e a equidade.

Incluir é trazer aquele aluno que ficava isolado de toda a turma e colocar junto de todos.

Incluir é estudar, refletir e executar atividades que permitam que todos participem.

Incluir ENVOLVE paciência e empatia.

Incluir é contagiante!

Incluir é empolgante!

INCLUIR É AMOR!

Incluir é uma ação de equipe multidisciplinar!

Incluir é não roubar o direito do outro!

Inclusão.

Praticar a **INCLUSÃO**

É cumprir a constituição

Que apontam os direitos de todos os cidadãos

Mas o que é a **INCLUSÃO**?...

Palavra hoje, muito falada

Porém pouca praticada

Mas para transformar essa situação

Será preciso usar o coração

Para mudarmos esse quadro, de tamanha **EXCLUSÃO**

Sabemos que teremos uma árdua missão

Mas tudo é possível, quando se tem

RESPEITO, AMOR E EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO, importante ferramenta

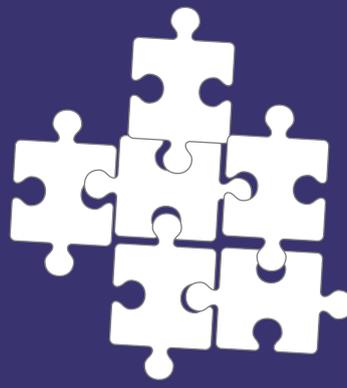
Para derrotar a **EXCLUSÃO**

Respeitando as DIFERENÇAS
Prosseguimos na missão
Caminhando de mãos dadas
Em prol da sonhada INCLUSÃO.

Rejani Silveira de Brito Bento

Referências

O QUE é poesia? **Mundo Educação**, [S. l.], s.d. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/o-que-poesia.htm>. Acesso em: 7 fev. 2023.



PARÓDIAS

A paródia aciona a intertextualidade como recurso de linguagem na criação de conteúdos, logo, é um texto que traz influências de outro texto (criado antes), interligando-se a ele pela repetição do conteúdo verbal, pela forma ou pela temática do primeiro texto. A paródia pode ser feita a partir de diversos materiais, como literatura, música, pintura, cinema, fotografia e artes plásticas. (ROSA, s.d).

Autora: Jacqueline de Souza Gomes

Letra original: “Tudo Bem Simples”

Compositores: Mariozinho Rocha /Ficardo Feghali

Letra original	Letra adaptada
Tudo bem simples Tudo natural Um amor moreno fruto tropical	Escreva bem simples Escreva ao natural Um dizer sereno Reduto gramatical
Todas as cores Que eu puder te dar Todas a fantasia Que eu puder sonhar	Perca os pudores Que travam seu falar Exalte a alegria De se comunicar
Eu pensei te dizer Tantas coisas Mas pra que se eu tenho a música (música)	Eu irei te prover Algumas técnicas As use Com precisão cirúrgica (cirúrgica)
Bom é bem simples Sem nos complicar E bastante tempo Pra te amar	Bom frases curtas Estrutura simples Palavras no seu tempo, em ordem natural...

Tudo é bem simples
Tudo natural
Um amor moreno
Fruto tropical

Todas as cores
Que eu puder te dar
Toda a fantasia
Que eu puder sonhar

Eu pensei em te dizer
Tanta coisa
Mas pra que
Se eu tenho a música (música)

Bom é bem simples
Sem nos complicar
E bastante tempo
Pra se amar...

Escreva bem simples
Escreva ao natural
Frases em tom ameno
Evite as subordinadas

Todos os horrores
Que se puder evitar
Adjetivos e advérbios
Que visam enganar

Te ensinei a escrever
com frases curtas
pois ninguém
vai entender sem folêgo (fôlego)
Escreva para todes
Sem dificultar
Use o seu tempo
Pra não complica

Não pensei em te dizer
Muita coisa
O importante
Foi dizer com clareza (clareza)

Seja bem simples
Sem “metafísicar”
Flua o momento
Pra falar...

Autora: Luciene Conceição Nascimento Gervasio

Paródia da música: *Maria Maria* (canção de Milton Nascimento)

Inclusão, inclusão é o sonho por uma sociedade, igualitária.

De uma nação, que não vê, nem enxerga, que existe uma diversidade.

Então Vamos a busca da luta, fortalecendo as políticas públicas,
Para então incluírem nossos irmãos, nessa sociedade com uma estrutura tão
exclusiva.

Auê... Auê... Auê... Auê

È necessário acesso, ao invés de barreiras, que impedem as conquistas dos
manos, então é preciso avanços, empenho, carisma de uma sociedade,
que ampara.

Auê... Auê... Auê... Auê

Embora existam muros, com acesso negados mas a luta nos habilita a vencer e
romper dificuldades impostas pelos elitistas.

Que venham apagadores diversos removendo barreiras, construídas durante as
guerras, mas existem pessoas dispostas a mudar o contexto desse planeta.

Auê... Auê... Auê... Auê.

A pandemia nos trouxe uma realidade de cuidarmos uns dos outros, e esse é
um crucial exercício, para uma inclusão desejada

Pois se provou, que somos todos iguais em necessidades, então vamos ajudar
um ao outro a crescer, para que haja desenvolvimento no planeta.

Autora: Priscilla Mariane

Paródia da música: *Era uma vez* (Kell Smith)

Era uma vez o mundo dos sonhos

Era uma vez,

O dia em que todos faziam inclusão.

Delicioso ver que o deficiente tem acessibilidade nas mãos.

O professor herói, inclui a todos sempre com muita atenção.

E acabava em um projeto pedagógico de muita participação.

Dava pra ver,

Agora a felicidade do aluno que não é excluído não.

Milhões de rostos e desejos tão reais quanto a nossa imaginação.

Bastava um toque e todos trabalhavam juntos com amor e coração.

Tudo voltava a ser lindo no outro dia com muita colaboração.

Refrão

É que as crianças querem ter um futuro mais inclusivo. Se todos colaborarem
viveremos em um mundo mais bonito.

É que as crianças querem ter um futuro mais inclusivo. Se todos colaborarem
viveremos em um mundo mais bonito.

Vamos viver,

Pois descobrimos que o nosso mundo não é mau.

Tratar e acolher bem a todos sempre foi o ideal.

Vamos fazer a magia da inclusão virar felicidade real.

E entender que ela mora no caminho e não no final.

Refrão

É que as crianças querem ter um futuro mais inclusivo. Se todos colaborarem
viveremos em um mundo mais bonito.

É que as crianças querem ter um futuro mais inclusivo. Se todos colaborarem
viveremos em um mundo mais bonito.

Autora: Sara Cordeiro Ribas

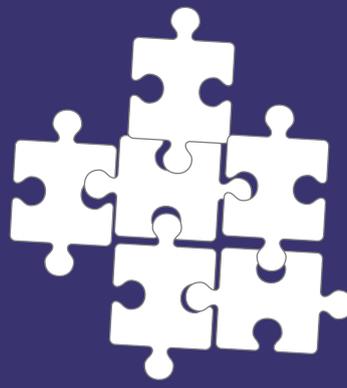
Paródia da música: *Meteoro* (Luan Santana)

Letra original	Letra adaptada
Te dei o sol, te dei o mar Pra ganhar seu coração Você é raio de saudade Meteoro da paixão Explosão de sentimentos Que eu não pude acreditar Ah! Como é bom poder te amar!	Mundo perfeito Refrão Agora eu vou te falar O que ninguém quer escutar Que a luta da inclusão Vai tocar teu coração Numa explosão de sentimentos Que geral vai escutar Ah! como é bom poder lutar!
Depois que eu te conheci fui mais feliz Você é exatamente o que eu sempre quis	1º parte Depois que eu te conheci fui mais feliz A inclusão faz de tudo que eu sempre quis
Ela se encaixa perfeita- mente em mim O nosso quebra-cabeça teve fim Se for sonho, não me acorde Eu preciso flutuar Pois só quem sonha Consegue alcançar	Ela se encaixa perfeitamente de mim E todo preconceito vai ter fim. Se for sonho, não me acorde, Nós preci...samos lutar Pois só quem luta, consegue alcançar!!! Refrão, primeira parte novamente. Bom seria se o mundo Conseguisse enxergar
Te dei o sol, te dei o mar Pra ganhar seu coração Você é raio de saudade Meteoro da paixão Explosão de sentimentos Que eu não pude acreditar Ah! Como é bom poder te amar!	Que todas as almas são lindas E a vitória che...gará!!! Refrão

<p>Depois que eu te conheci fui mais feliz Você é exatamente o que eu sempre quis</p> <p>Ela se encaixa perfeita- mente em mim O nosso quebra-cabeça teve fim</p> <p>Se for sonho, não me acorde Eu preciso flutuar Pois só quem sonha Consegue alcançar</p> <p>Te dei o sol, te dei o mar Pra ganhar seu coração Você é raio de saudade</p> <p>Meteoro da paixão Explosão de sentimentos</p>	
---	--

Referências

ROSA, É. P. Paródia. **Todo Estudo**, [S. l.], s.d. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/portugues/parodia>. Acesso em: 8 fev. 2023.



MAPAS MENTAIS

<p>O Desenvolvimento histórico da pessoa com deficiência e do esporte adaptado no Brasil e no mundo</p>	<p>Aspectos psicológicos da pessoa com deficiência e sua família</p>
<p>Declaração Universal dos Direitos Humanos – ONU 1948</p> <p>Artigo 1º Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros com espírito e fraternidade.</p>	<p>Desenvolvimento Típico e Atípico A pesquisa apresentada tem o objetivo de comparar as práticas educativas utilizadas por pais de filhos com desenvolvimento típico e atípico e relacioná-las às crenças sobre práticas, ao estresse paternal e ao funcionamento familiar. A pesquisa tem coleta de dados e vale salientar a conclusão dela: maior assimetria de práticas educativas parentais entre pais de DT E DI e foi o que mais se diferenciou nas pesquisas. Pais de filhos com SD e DI tem maior estresse e pais de filhos com DI são mais estressados do que os SD. Pais com SD tem um diagnóstico mais rápido e assim, tem uma rede de apoio organizada.</p>
<p>Algumas Leis, Declarações etc.:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Constituição da República Federal do Brasil; – Lei de nº 7.853/89; 1994 – Declaração de Salamanca e 1994 – Política Nacional de Educação Especial; 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96); 1999 – Decreto nº 3.298 que regulamenta a lei nº 7.853/89; – Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica e 2001 – Convenção de Guatemala (1999); – Resolução CNE/CP nº 1/2002 e Lei nº 10.434/02; 2008 – Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva; 2012 – Lei nº 12.564. 	<p>Análise Ecológica do Desenvolvimento Humano – Urie Bronfenbrenner Modelo Bioecológico, diálogo aberto com seus críticos e defesa dos direitos humanos. Processos Proximais: interação entre pessoa e ambiente, que operam ao longo do tempo e produzem o desenvolvimento humano.</p> <p>Visão de Desenvolvimento sócio cultural: pessoa (ser em desenvolvimento), processo (motor do desenvolvimento), contexto (ambientes que agem no processo de desenvolvimento) e tempo (momento atual, rotina e organização).</p>

<p>PARADESPORTO</p> <p>Ludwig Guttman – Pai do Paradesporto. Organizou competições para atletas com deficiência nos Jogos Olímpicos e fundou Federação Inglesa de Esportes para Portadores de Deficiência.</p>	<p>Estressores Verticais e Horizontais</p> <p>Verticais: Padrões, mitos, segredos e legados familiares. Social, Cultural, Político, Econômico. Comunidade, colegas de trabalho etc.</p> <p>Horizontais: desenvolvimentais – transições de Ciclo de Vida. Impredizível – morte precoce, doença crônica, acidente, ter um filho com alguma deficiência, dentre outros</p>
<p>Sobre o treinamento: O treino de pessoas com deficiências orienta-se basicamente pelos princípios clássicos da teoria do treinamento. Devido aos aspectos médicos e funcionais de cada tipo de deficiência, existem diferentes possibilidades e limites para o treino de atletas com deficiência. É preciso que conheçam as particularidades dos diferentes tipos de deficiência, levando em conta a aprendizagem do exercício físico e as possibilidades da atividade esportiva.</p> <p>Dessa forma, existe o Esporte Paraolímpico, as competições, campanhas etc. Além de ter comissões responsáveis, confederações e modalidades nos esportes como: atletismo, canoagem, natação etc.</p>	<p>Diversos modelos teóricos que têm tentado descrever o processo de adaptação da família:</p> <p>IDEALIZAÇÃO: impacto, negação tristeza, culpa, ódio, RE-IDEALIZAÇÃO: facilitando o processo: contextos e fatores associados ao investimento emocional, resiliência, relações e redes sociais</p> <p>EPAD – Escala Parental de Adaptação à Deficiência</p> <p>Objetiva retomar o desenvolvimento paterno e materno, considerando os conceitos de idealização e re-idealização frente ao diagnóstico da deficiência num modelo adaptativo de identificação de natureza interna.</p> <p>Desenvolvimento</p> <p>Re-idealização: estética, capacidades e futuro.</p> <p>Suporte: resiliência e apoio social.</p> <p>Não-adaptação</p> <p>Depressão, diagnóstico, idealização, funcionalidade e culpa.</p> <p>Visão Psicológica</p> <p>Resistência a aprendizagem, Indisciplina e Agressividade – Sintomas. E esses sintomas tem a sua função</p>

<p>Com isso, existe uma organização para que a competição seja justa, sendo chamada de classificação. Com o objetivo de minimizar o impacto de uma deficiência elegível no resultado da competição. Tendo dessa forma as nomenclaturas como: S (swiming) natação, T (trackpista) atletismo etc. Também tendo as classes funcionais com o agrupamento das deficiências e os sistemas de classificação. Dessa maneira, as divisões são feitas para manter uma ordem e organização na prática dos esportes e nas competições.</p>	<p>Sistema Funcional</p> <p>COMUNICAÇÃO, FLEXIBILIDADE e COESÃO</p> <p>Interação Positiva envolvimento, regras e monitoria, comunicação positiva dos filhos, clima conjugal positivo, modelo parental e sentimento dos filhos</p> <p>Interação Negativa Comunicação negativa, punição corporal, e clima conjugal negativo</p> <p>Classificação dos pais Autoritativo, autoritário e permissivo</p> <p>AUTONOMIA independência, liberdade e autossuficiência Autonomia na SEXUALIDADE, TERMINALIDADE NA EDUCAÇÃO e PROFISSÃO</p> <p>Sexualidade, casamento, vida adulta fazem parte do processo e do desenvolvimento de todos.</p>
--	--

Quadro 1 – Formação para a inclusão.

Fonte: Elaborado por Adna Lemos.

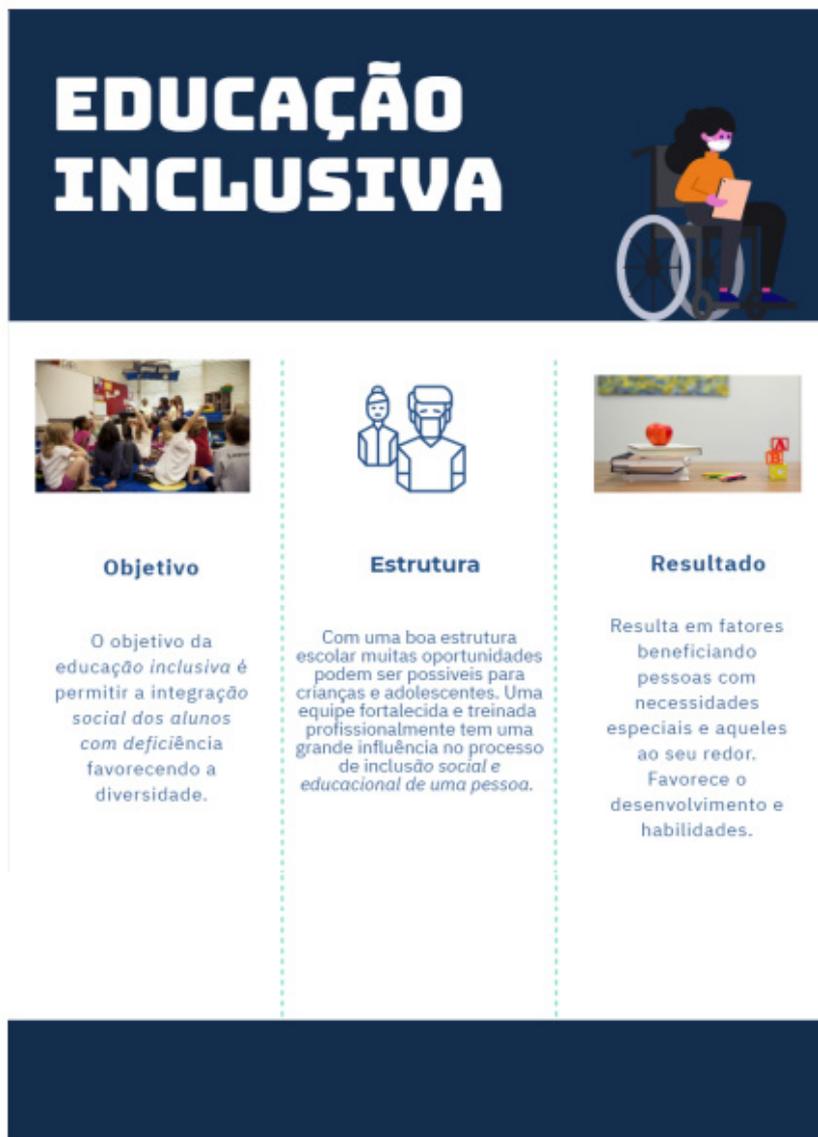


Figura 1 – Educação inclusiva.

Fonte: Elaborado por Danielle Nogueira.

A influência no aprendizado



Integridade

A garantia de integridade em um ambiente faz toda diferença na vida de uma pessoa com necessidade especial.



Convívio

Uma convivência saudável influencia um ser humano de forma positiva.



União

União é de extrema importância para mais rápido alcançar um maior público, para expandir e juntos fazer do mundo um lugar melhor.

Figura 2 – Mapa Influência.

Fonte: Elaborado por Danielle Nogueira.

Valorize as diferenças!

Todos merecem acesso a uma vida de qualidade

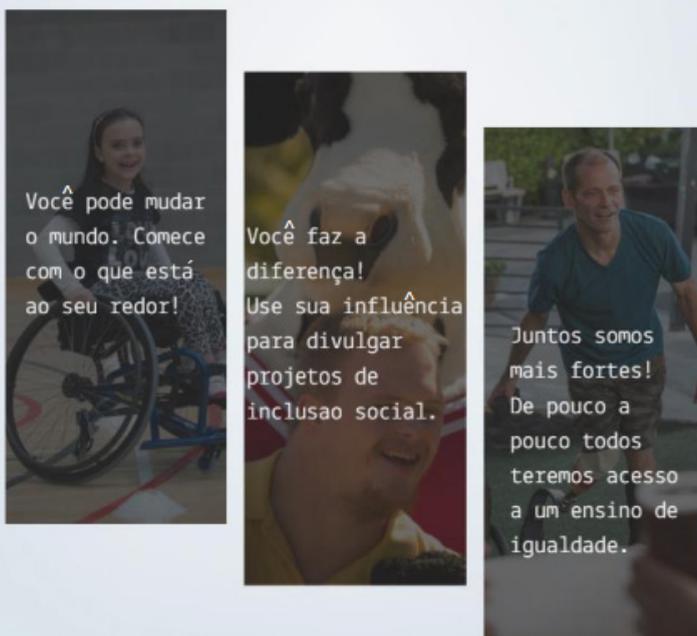


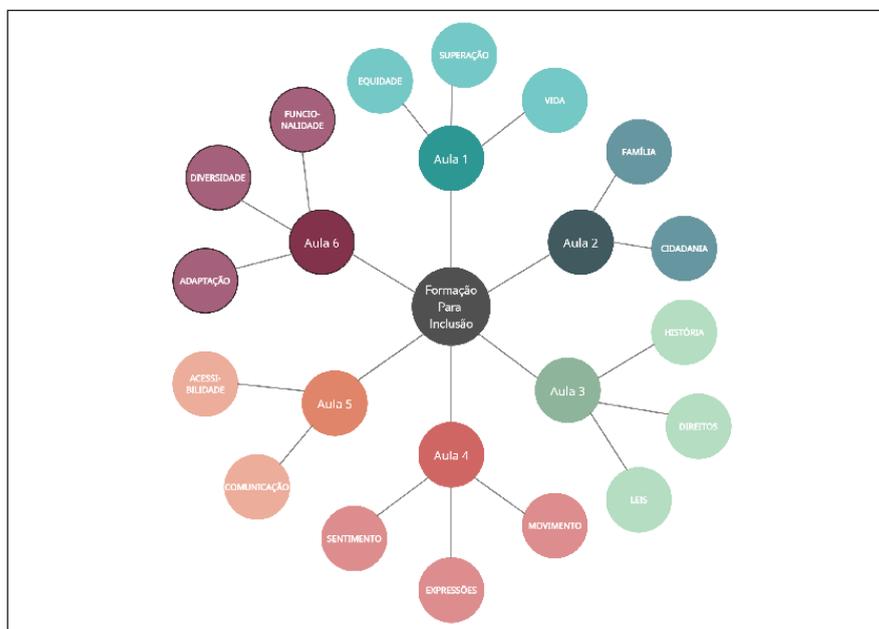
Figura 3 – Diferenças.

Fonte: Elaborado por Danielle Nogueira.

Referências

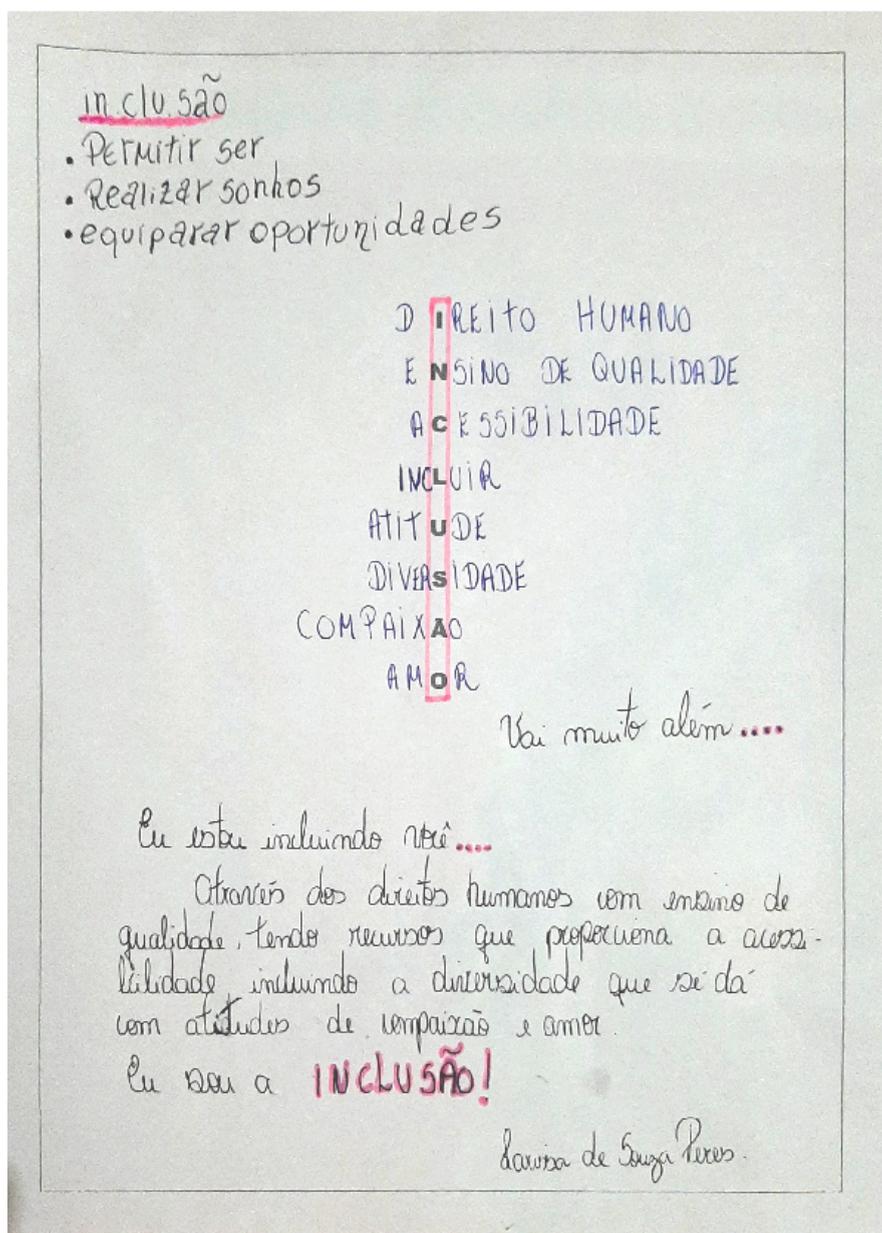
SOUSA, S. C. A influência da inclusão da educação no ensino aprendizagem na U. E. Maria Rodrigues da Silva: o letramento, a proposta de incluir, a educação especial e seu papel na inclusão. **WebArtigos**, [S. l.], s.d. Disponível em: https://www.webartigos.com/artigos/a-influencia-da-inclusao-da-educacao-no-ensino-aprendizagem-na-u-e-maria-rodrigues-da-silva-o-letramento-a-proposta-de-incluir-a-educacao-especial-e-seu-papel-na-inclusao/114121#google_vignette. Acesso em: 1 mar. 2023.

EDUCAÇÃO inclusiva: uma questão importante e necessária para o Brasil. **Freedom**, [S. l.], 2017. Disponível em: <https://blog.freedom.ind.br/educacao-inclusiva-uma-questao-importante-e-necessaria-para-o-brasil/>. Acesso em: 1 mar. 2023.



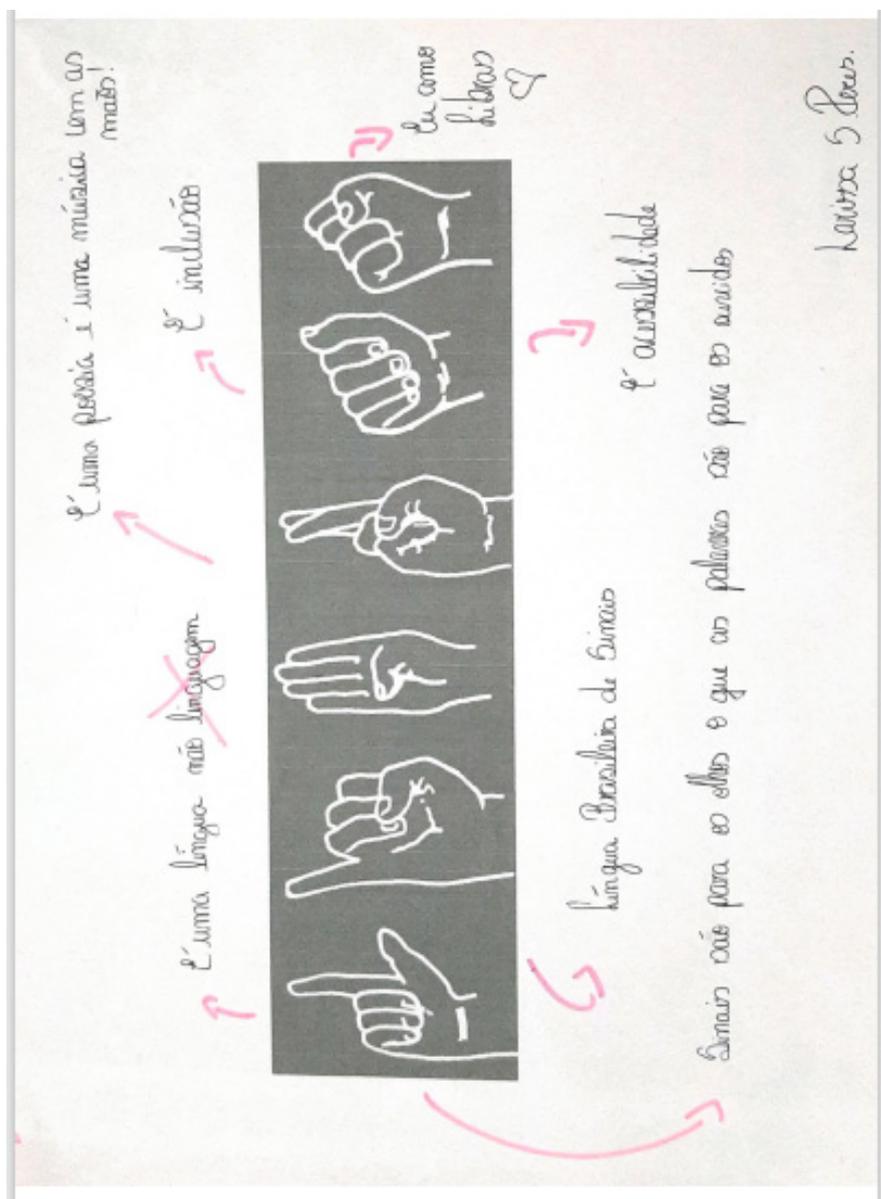
Mapa 1 – Formação para inclusão.

Fonte: Elaborado por Carolina Borges.



Mapa 2 – Inclusão.

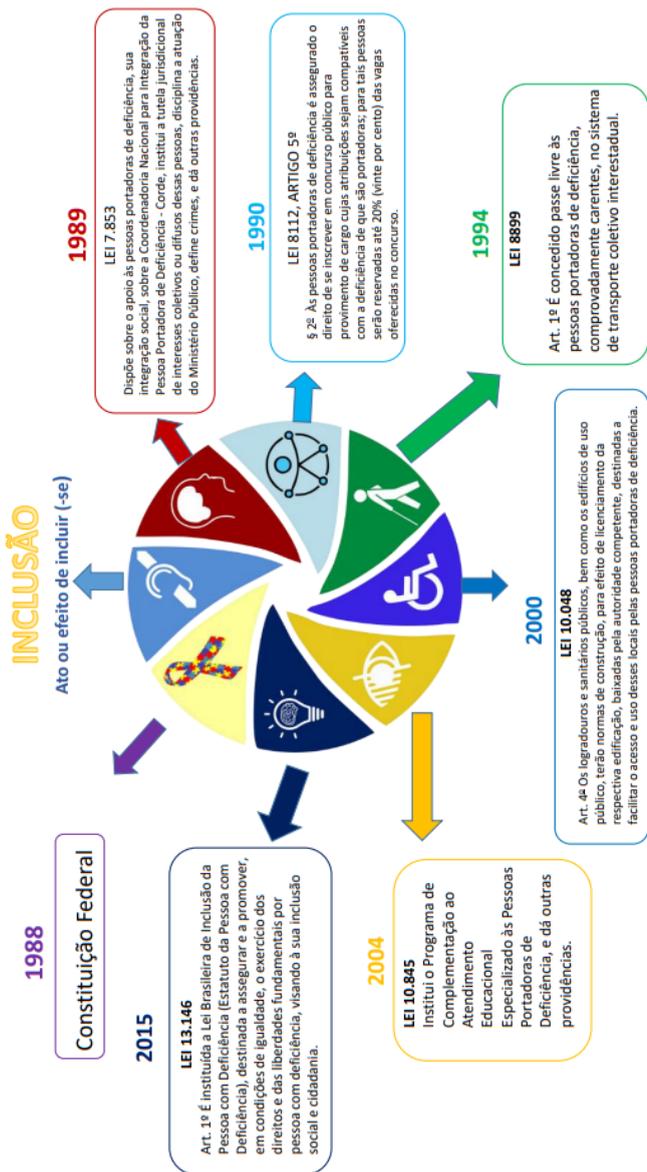
Fonte: Elaborado por Larissa Peres.



Mapa 3 – Inclusão 2.

Fonte: Elaborado por Larissa Peres.

Legislação sobre pessoas com deficiência



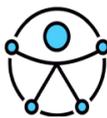
Mapa 4 – Legislação sobre pessoas com deficiência.

Fonte: Elaborado por Luanne Duarte.

INCLUSÃO

"SE APRENDE COM AS DIFERENÇAS E NÃO COM AS IGUALDADES "

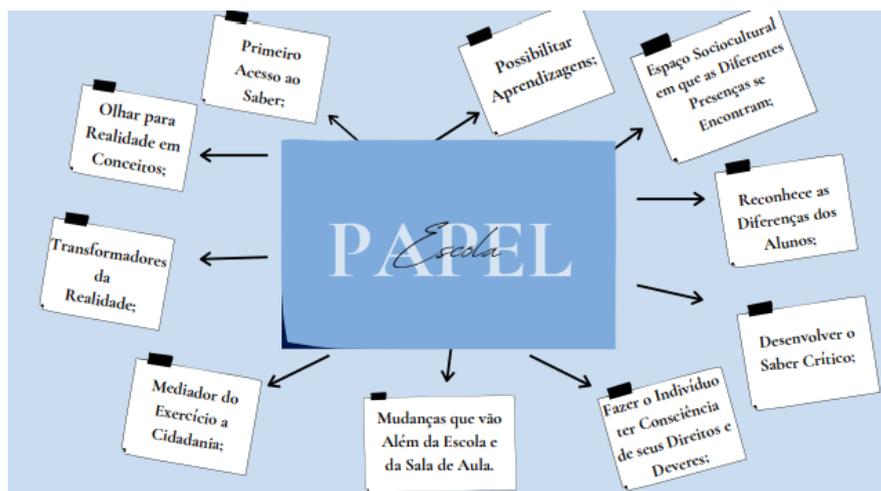
PAULO FREIRE

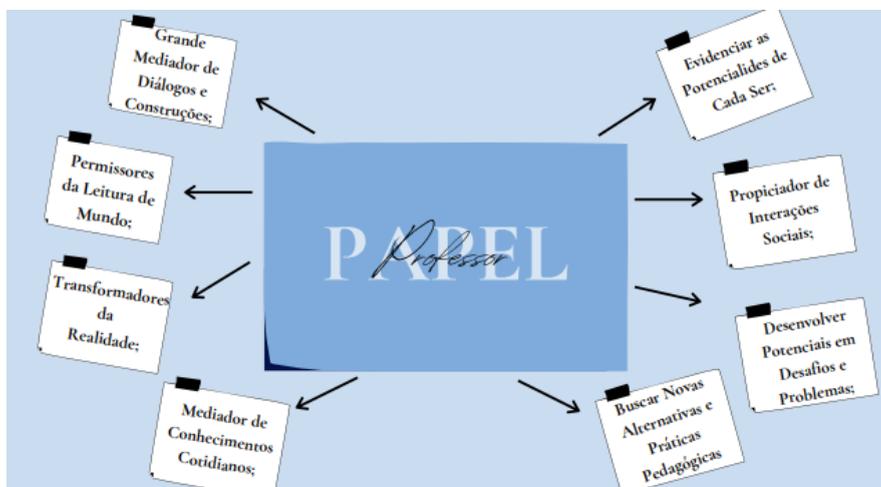


PESSOA COM DEFICIÊNCIA	PESSOA DEFICIENTE, INVÁLIDA
PESSOA COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS	PESSOA ESPECIAL
PESSOA COM AUTISMO/SÍNDROME DE DOWN	PORTADOR DE AUTISMO/SÍNDROME DE DOWN
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	DEFICIENTE MENTAL, DOENTE MENTAL
ACESSIBILIDADE	BARREIRAS
ESCOLA REGULAR	ESCOLA ESPECIAL
CONDIÇÃO	DOENÇA
PERSONALIDADE	ESTEREÓTIPO
ALUNO COM DEFICIÊNCIA	ALUNO DE INCLUSÃO
PESSOA SEM DEFICIÊNCIA	PESSOA NORMAL
"QUERO APRENDER"	"NÃO SEI COMO LIDAR"

Figura 4 – Inclusão.

Fonte: Elaborado por Maitê Fátima Neubarth.





Seja menos preconceito, seja mais amor no peito
 Seja amor, seja muito amor.
 E se mesmo assim for difícil ser
 Não precisa ser perfeito
 Se não der pra ser amor, seja pelo menos respeito.

Há quem nasceu pra julgar
 E há quem nasceu pra amar
 E é tão difícil entender em qual lado a gente está
 E o lado certo é amar!

Amar para respeitar
 Amar para tolerar
 Amar para compreender,
 Que ninguém tem o dever de ser igual a você!

Por isso minha poesia, que sai aqui do meu peito
 Diz aqui que a diferença nunca foi nenhum defeito.
 Eu reforço esse clamor:
 Se não der pra ser amor, que seja ao menos RESPEITO!

Bráulio Bessa

Mapa 5 – Construção.

Fonte: Elaborado por Maria Eugênia Scheremeta.



Mapa 6 – Casamento inclusivo.

Fonte: Elaborado por Suze Lino.



Mapa 7 – Ouvir.

Fonte: Elaborado por Suze Lino.

Casamento inclusivo: Quem e como incluir?

Suze Lino

Incluir significa reconhecer que existe a diversidade e fazer com que ninguém dentro daquela diversidade se sinta discriminado ou excluído, cuidando para que todos se sintam acolhidos e bem tratados com o mesmo carinho.

NSO podemos classificar um casamento como inclusivo apenas quando os noivos forem pessoas com deficiência, é preciso, antes de tudo, saber que alguns grupos de pessoas também encontram certas restrições frente a um convite para uma festa de casamento. Nem todo mundo possui as mesmas restrições, porque cada pessoa é única.

Podemos pensar em alguns pontos principais na hora de planejar um casamento inclusivo: **acessibilidade, ambientação, alimentação, entretenimento e informação.**

Na organização de um casamento inclusivo de noivos com deficiência, a dedicação tem que ser um pouco maior na procura de fornecedores que atendam às necessidades, é preciso ter muita atenção aos detalhes e a tolerância com as objeções que surgir; no decorrer do processo. As escolhas dos fornecedores ideais devem ser feitas com mais cautela, pensando em comodidade, mas acima de tudo, em acessibilidade para todos.

A acessibilidade é o ponto principal do mapa mental porque é uma forma de tornar toda e qualquer atividade ao acesso de todos, independentemente de qualquer limitação física que essa pessoa apresente.

Agora, imagine, como seria se uma pessoa com deficiência em um dos dias mais especiais de sua vida, como o casamento, não puder sentir todas as emoções ao máximo e ter uma experiência agradável devido à falta de acessibilidade?

Devemos ter empatia, entender as necessidades da outra pessoa, despertar a sociedade para a diversidade humana, oferecer soluções acessíveis e inclusivas, pois sem a acessibilidade não temos o processo de inclusivo totalmente estabelecido.

Esta obra foi organizada pelo professor doutor Allan Damasceno, fundador e coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidade e Inclusão (LEPEDI/UFRRJ/CNPq), pela psicóloga, escritora e doutora Carina Alves e pela professora doutora Mônica Pereira, ambas pesquisadoras do referido Laboratório.

A presente obra congrega diversos trabalhos produzidos pelos estudantes do curso Formação para Inclusão. Os trabalhos abordam questões relacionadas à inclusão social, em especial no que se refere à educação e ao protagonismo da pessoa com deficiência.

Os diálogos estabelecidos na obra se relacionam às interfaces e aos desafios da inclusão e suas possibilidades práticas. Desejamos que, com esta obra, os diálogos inspirem novas/outras experiências formativas que nos permitam reafirmar a necessária e inadiável democratização da sociedade frente à diversidade humana.

superar



INSTITUTO
INCLUIR



EDITORIAL CASA



CASA
EDITORIAL